

Nora
Roberts
a escrever como J.D.Robb

Encontro Mortal

Tradução de Ana Mendes Lopes



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Existem maldades que são demasiado
maldosas até para os homens — só as mulheres,
apenas as adoráveis mulheres, se podem aventurar
a cometê-las.*

— W. M. THACKERAY,
A SHABBY GENTEEL STORY

O veneno mais certo de todos é o tempo.

— EMERSON

O crime era trabalho. A morte era uma tarefa séria para o assassino, para a vítima e para os sobreviventes. E para aqueles que defendiam os mortos. Alguns faziam o trabalho com devoção, outros faziam-no despreocupadamente.

E para alguns, o crime era um caso de amor.

Quando saiu do apartamento de Park Avenue para a habitual caminhada matutina, Walter Pettibone desconhecia ditosamente que aquelas eram as suas últimas horas de vida. Era um homem robusto de sessenta anos e um empresário astuto que aumentara a já considerável fortuna da família através das flores e sentimentos.

Era um homem rico, saudável e há pouco mais de um ano tinha adquirido uma jovem e loura mulher que tinha o apetite sexual de um Doberman no cio e a inteligência de uma couve.

Segundo Walter C. Pettibone, o seu mundo era mesmo assim.

Tinha um trabalho de que gostava e dois filhos do primeiro casamento, que um dia assumiriam a liderança dos negócios que ele recebera do pai. Mantinha uma relação razoavelmente amistosa com a ex-mulher, uma pessoa elegante e sensível, e o filho e a filha eram pessoas agradáveis e inteligentes que lhe proporcionavam grande orgulho e satisfação.

Tinha um neto que era a menina dos seus olhos.

No verão de 2059, O Mundo das Flores era uma grande empresa intergaláctica com floristas, horticulturas, escritórios e estufas dentro e fora do planeta. Walter adorava flores. E não apenas das margens de lucro que lhe rendiam. Adorava o aroma das flores, das cores, das texturas, da beleza das folhas e dos botões e do simples milagre da sua existência.

Todas as manhãs visitava um punhado de floristas, para verificar os stocks, os arranjos, para cheirar as flores, conversar e passar tempo entre elas e as pessoas que as amavam.

Duas vezes por semana, levantava-se antes de amanhecer para ir ao mercado dos fornecedores, na baixa. Lá, cirandava e apreciava, ordenava ou criticava.

Era uma rotina que mal tinha sido alterada durante quase meio século e da qual nunca se cansava.

Naquele dia, depois de mais ou menos uma hora passada entre as flores, foi para os escritórios da empresa. Passou lá mais horas do que o habi-

tual, para dar tempo à mulher para acabar de organizar os preparativos da festa de aniversário surpresa.

Pensar naquilo fazia-o rir.

A querida da mulher não conseguia guardar um segredo nem que lhe cosessem os lábios. Ele já sabia da festa há semanas e estava ansioso pelo serão com a alegria de uma criança.

Como era óbvio, ia agir como se estivesse surpreendido e até praticara algumas expressões de admiração naquela manhã, ao espelho.

Assim, Walter foi percorrendo a sua rotina diária com um sorriso nos cantos da boca — sem fazer ideia de como ia ser surpreendido.

Eve duvidava que alguma vez se tivesse sentido melhor na vida. Tranquila, com forças retemperadas, ágil e solta, preparou-se para o primeiro dia de regresso ao trabalho, depois de duas semanas de férias maravilhosamente simples, onde a tarefa mais difícil que enfrentou foi decidir se ia comer ou dormir.

Uma semana na *villa* exclusiva no México, a segunda numa ilha privada. E em ambos os lugares não tinham faltado oportunidades para aproveitar o sol, o sexo, e o sono.

Roarke estava mais uma vez certo. Precisavam daquele tempo juntos. Longe de tudo. Ambos necessitavam de um período para recuperarem. E se a maneira como se sentia naquela manhã servisse de indicador, tinham conseguido cumprir o objetivo.

Estava em frente ao roupeiro, a franzir o sobrolho para a quantidade de roupa que comprara desde que se casara. Não achava que a confusão que agora a assaltava tivesse alguma coisa a ver com o facto de ter passado os últimos catorze dias nua, ou perto disso. A não ser que estivesse muito enganada, então era certo que ele conseguira colocar sorrateiramente mais roupa no seu armário.

Tirou um longo vestido azul de um material que conseguia zumbir e brilhar ao mesmo tempo.

— Eu já vi isto antes?

— O roupeiro é teu. — Na zona de estar do quarto de ambos, Roarke passava os olhos pelos relatórios da bolsa na parede de ecrãs enquanto apreciava uma segunda chávena de café. Mas olhou de relance para ela. — Se estás a pensar em usar isso hoje, os criminosos da cidade vão ficar muito impressionados.

— Há mais roupa aqui dentro do que havia há duas semanas.

— A sério? Como será que isso aconteceu?

— Tens de parar de me comprar roupa.

Ele estendeu o braço para acariciar *Galahad*, mas o gato arrebiteou o nariz. Desde o regresso de ambos, na noite anterior, que andava amuado.

— Porquê?

— Porque é constrangedor — resmungou Eve enquanto mergulhava no roupeiro para encontrar alguma coisa razoável para vestir.

Ele limitou-se a sorrir para ela, observando enquanto Eve pegava num top sem mangas e umas calças que tapavam aquele corpo alto e esguio que ele nunca deixava de desejar.

Estava bronzada com um belo tom dourado e o sol tinha aclarado algumas madeixas louras no cabelo castanho curto. Vestiu-se rapidamente, com discrição e com o ar de uma mulher que nunca pensava na moda. Motivo pelo qual Roarke nunca desistia de tentar incutir-lhe um pouco de estilo.

Ela tinha conseguido descansar nos dias em que estiveram fora, pensava ele. Viu como hora após hora, dia após dia, as nuvens de fadiga e preocupação se levantavam de cima dela. Os seus olhos cor de uísque tinham agora uma luz e um brilho saudável no rosto estreito e magro.

E quando colocou o coldre com a arma, surgiu uma determinação na sua boca — naquela boca grande e generosa — que lhe dizia que a Tenente Eve Dallas estava de volta. E preparada para dar cabo de alguns canastos.

— O que será que me excita tanto numa mulher armada?

Ela disparou-lhe um olhar de aviso, estendendo o braço para pegar num casaco leve.

— Nem penses nisso. Não vou chegar atrasada no meu primeiro dia de trabalho porque tu ainda tens alguma excitação residual.

Oh, sim, pensou Roarke, levantando-se. Ela estava de volta.

— Querida Eve — disse ele, conseguindo evitar por pouco um tremor. — Esse casaco não.

— O quê? — Eve parou enquanto enfiava uma das mangas do casaco. — É um casaco leve de verão; tapa-me a arma.

— Mas fica mal com essas calças. — Ele entrou no roupeiro, esticou o braço e pegou num casaco do mesmo estilo e material que as calças. — Este fica melhor.

— Não estou a pensar em entrar num filme. — Mas mudou de casaco, porque era mais fácil do que discutir com ele.

— Toma. — Depois de mais um mergulho no roupeiro, Roarke regressou com umas botas de cano curto de couro, num tom castanho-escuro.

— E de onde vieram essas?

— Foi a fada dos roupeiros que as trouxe.

Ela franziu o sobrolho para as botas com desconfiança, espetando o dedo dentro das pontas.

— Não preciso de botas novas. As minhas botas velhas já estão feitas ao pé.

— Isso é o termo simpático para descrever o estado em que estão. Experimenta estas.

— Vou acabar por as estragar — resmungou, mas sentou-se no braço do sofá para as calçar. Deslizaram pelo pé como se fossem feitas de manteiga, o que a fez olhar para ele com os olhos semicerrados. O mais certo era tê-las mandado fazer à mão especificamente para ela, numa das suas inúmeras fábricas, e teriam custado mais de dois meses de ordenado de um polícia de Nova Iorque. — Olha que engraçado. A fada dos roupeiros parece saber o número que calço.

— É uma criatura fenomenal.

— Presumo que não vale a pena dizer-lhe que uma polícia não precisa de botas caras que provavelmente foram cosidas à mão por uma pequena freira italiana para andar a calcorrear as ruas, a correr ou a abrir portas ao pontapé.

— Ela lá tem as suas ideias. — Passou a mão pelo cabelo de Eve, puxando-o apenas o suficiente para lhe levantar o rosto para cima. — E adora-te.

Aquilo ainda fazia com que o estômago dela se contorcesse — ouvi-lo dizer que a adorava, observar o seu rosto enquanto o fazia.

— Tu és tão lindo, diabos. — Não planeava dizê-lo em voz alta e quase se assustou com a própria voz. E observou o sorriso dele a surgir, a espalhar-se veloz como o fogo num rosto que devia ser retratado ou esculpido em pedra, com os longos e afilados ossos e a sedutora boca de poeta.

“Jovem Deus Irlandês” seria provavelmente o título da obra. Então os deuses não eram sedutores e implacáveis, envoltos no seu próprio poder?

— Tenho de ir. — Eve levantou-se rapidamente e ele manteve-se no sítio, para que os corpos colidissem. — Roarke.

— Sim, já regressámos ambos à realidade. Mas... — As mãos dele acariciavam os lados do corpo dela, um longo e possessivo movimento que a recordava, com demasiada clareza, do que aqueles dedos rápidos e ágeis eram capazes de fazer ao seu corpo. — Acho que podemos tirar um instante para me dares um beijo de despedida.

— Queres que te dê um beijo de despedida?

— Quero, sim. — Havia no tom de voz dele uma centelha de humor e de pronúncia irlandesa que a fez inclinar a cabeça para o lado.

— Claro. — Num movimento quase tão rápido como o sorriso dele, Eve pegou num punhado do cabelo negro que quase lhe chegava aos ombros, fechou os punhos, puxou-o e esmagou a boca contra a dele.

Sentiu o coração dele sobressaltar-se ao mesmo tempo que o seu. Um salto de calor, de reconhecimento, de unidade. E ao ouvir o gemido de pra-

zer dele, entregou-se ao beijo, levou-os aos dois às profundezas com uma pequena guerra de línguas, um rápido bater de dentes.

Depois puxou a cabeça para trás e recuou para longe do alcance dele.

— Até logo, bonitão — disse, enquanto saía da sala.

— Tenha um dia em segurança, Tenente. — Roarke deixou sair um longo suspiro e sentou-se no sofá. — Agora — disse para o gato, — o que tenho de fazer para sermos amigos outra vez?

Na Central de Polícia, Eve entrou num deslizante para ir para os Homicídios. E inspirou profundamente. Não tinha nada contra os dramáticos penhascos do oeste do México, nem contra as agradáveis brisas das ilhas tropicais, mas tinha sentido falta do ar dali: do cheiro a suor, a café mau, a desinfetantes fortes e, acima de tudo, das energias ferozes que se formavam no confronto entre polícias e criminosos.

O tempo que tinha estado afastada só lhe apurara mais os sentidos — o rugido baixo de demasiadas vozes a falar ao mesmo tempo, os apitos e zumbidos regulares mas dissonantes dos transmissores e comunicadores, o fluxo de pessoas que tinham sempre alguma coisa importante para fazer em algum lado.

Ouviu alguém a gritar obscenidades tão depressa que as palavras se uniam num perverso emaranhado de sons que eram música para os seus ouvidos.

Filhodaputacabrãodocaralho.

Bem-vinda a casa, pensou Eve alegremente.

O trabalho tinha sido a sua casa, a sua vida e o único objetivo que tinha antes de conhecer Roarke. Agora, mesmo com ele, ou talvez porque o tinha, o trabalho continuava a ser uma parte essencial de quem e do que era.

O outrora fora uma vítima — impotente, usada e magoada. Agora era uma guerreira.

Entrou na sala dos detetives, preparada para enfrentar a batalha que estivesse à sua espera.

O detetive Baxter levantou os olhos do trabalho e fez um pequeno assobio.

— Uau, Dallas. Olá-olá!

— O que foi? — Espantada, olhou por cima do ombro, mas só depois se apercebeu de que o sorriso dengoso de Baxter era para si. — Baxter, tu és um homem doente. É reconfortante ver que algumas coisas não mudaram.

— Tu foste a única que levou um belo polimento. — Levantou-se e contornou as secretárias. — Que bonito — disse, esfregando a lapela do

casaco dela entre o polegar e o indicador. — Estás com um estilo do caraças, Dallas. Pões o resto da malta num chinelo.

— É só um casaco — resmungou, mortificada. — Para com isso.

— E estás toda bronzeada. Estás assim no corpo todo?

Ela mostrou-lhe os dentes num sorriso feroz.

— Tenho de te dar um enxerto de porrada?

Divertido, ele abanou o dedo.

— E o que é isso que vejo nas tuas orelhas? — Enquanto ela, confusa, levantava a mão, ele pestanejou como se estivesse surpreendido. — Ora, parece-me que são brincos. E já agora, muito bonitos, por sinal.

Eve tinha-se esquecido de que tinha os brincos postos.

— A atividade criminosa parou subitamente enquanto estive fora para teres tempo para estar aqui a criticar o meu guarda-roupa?

— Estou apenas deslumbrado, Tenente. Completamente deslumbrado com esta demonstração de estilo. Botas novas?

— Desampara-me a loja. — Eve virou costas e afastou-se ao som da gargalhada dele.

— E ela está de volta! — anunciou Baxter ao som dos aplausos.

Idiotas, pensou Eve enquanto caminhava na direção do seu escritório. A Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque estava cheia de gente idiota.

Cristo, como sentira falta deles.

Entrou no escritório, depois deteve-se, um passo para lá da porta, de olhos arregalados.

A secretária dela estava vazia. Mais do que isso, estava limpa. Na verdade, todo o espaço estava limpo. Como se alguém tivesse ali entrado e aspirado o pó todo e a sujidade para a seguir ter deixado a brilhar o que restava. Desconfiada, passou o polegar numa parede. Sim, estava definitivamente pintada de novo.

Com os olhos semicerrados, entrou para a sala. Era um espaço pequeno com uma janela miserável, uma secretária velha — agora limpa — e um par de cadeiras com as molas partidas. O armário de arquivo, também ele reluzente, tinha sido esvaziado. Uma planta verde parecia prosperar em cima dele.

Com um pequeno grito de ansiedade, dirigiu-se ao armário e abriu uma gaveta com força.

— Eu sabia, eu sabia, eu sabia! O sacana roubou-me outra vez.

— Tenente?

Eve voltou-se para trás ainda a rosnar. A sua assistente estava à porta, tão apurhada como a sala no seu uniforme de verão azul, bem engomado.

— O maldito ladrão de doces encontrou o meu esconderijo.

Peabody comprimiu os lábios.

— Tinhas doces no arquivo? — Inclinou a cabeça. — Na letra M?

— M de meu, caramba. — Aborrecida, Eve fechou a gaveta com força. — Esqueci-me de os tirar antes de me ir embora. Que diabo aconteceu aqui, Peabody? Tive de ler o nome na porta para ter a certeza que era o meu escritório.

— Uma vez que não estavas, pareceu ser uma boa altura para o limpar e pintar. Isto já estava um pouco sujo.

— Mas eu estava habituada a ele. Onde estão as minhas coisas? — perguntou. — Tinha aqui alguns trabalhos atrasados, alguns cinco, relatórios do médico-legista e deve ter chegado um relatório de verificação sobre o caso Dunwood enquanto estive fora.

— Tratei de tudo. Tratei dos cinco, dos trabalhos em atraso e enviei os relatórios. — Peabody ofereceu-lhe um sorriso que lhe dançava nos olhos escuros. — Tive um tempinho livre.

— Trataste da papelada toda?

— Tratei, chefe.

— E arranjaste quem me renovasse o escritório?

— Acho que havia organismos multicelulares a reproduzirem-se em vários cantos. Agora já estão mortos.

Eve enfiou lentamente as mãos nos bolsos e balançou-se sobre os calcanhares.

— Isto não é a tua maneira de me dizeres que não te dou tempo suficiente para tratares das tarefas diárias, pois não?

— Claro que não. Bem-vinda, Dallas. E deixa-me dizer-te, estás um espanto. Que roupa catita.

Eve deixou-se cair para cima da cadeira da secretária.

— Mas que diabo de aspeto costume ter?

— É uma pergunta retórica?

Eve observou o rosto de Peabody — o rosto quadrado e robusto, emoldurado pela cabeleira escura.

— Estou a tentar pensar se senti falta das tuas bocas foleiras. Não — decidiu. — Nem um bocadinho.

— Ah, de certeza que sentiste. Que bronze. Acho que passaste muito tempo a apreciar o sol e essas coisas.

— Acho que sim. E tu, arranjaste o teu onde?

— O meu quê?

— O bronzeado, Peabody. Foste fazer solário?

— Não, arranjei-o em Bimini.

— Bimini, a ilha? Que diabo estiveste a fazer em Bimini?

— Bem, enfim, estive de férias, como tu. O Roarke sugeriu que uma vez que estavas fora, talvez eu devesse tirar uma semana também e...

Eve levantou uma mão no ar.

— O Roarke sugeriu?

— Sim, ele pensou que nos fizesse bem um tempinho de descanso, a mim e ao McNab, por isso...

Eve sentiu o músculo por baixo do olho a pulsar. Aquilo normalmente acontecia quando pensava que Peabody e o estiloso detetive da Divisão de Detecção Eletrónica eram um casal.

Para se defender, pressionou dois dedos contra o olho.

— Tu e o McNab. Em Bimini. Juntos.

— Bem, sei lá, como estamos a tentar fazer com que esta coisa de sermos um casal resulte, pareceu-nos uma boa ideia. E quando o Roarke disse que podíamos usar um dos transportadores e a casa que tem em Bimini, nós aproveitámos.

— Um transportador. Uma casa em Bimini. — O músculo pulsou contra os dedos.

Com os olhos a brilhar, Peabody esqueceu-se o suficiente de onde estava para apoiar a anca num canto da secretária de Eve.

— Bem, Dallas, foi absolutamente fabuloso. Aquilo parece um palácio em ponto pequeno, ou qualquer coisa do género. Tem a sua própria queda de água que vai dar à piscina, um circuito de todo-terreno e hidro-esqui. E a suite principal tem uma cama de gel que é quase do tamanho de Saturno.

— Não quero ouvir falar da cama.

— E é realmente privada, apesar de ficar mesmo junto à praia, por isso andámos quase sempre por ali aos saltos todos nus, como se fôssemos macacos.

— E não quero ouvir falar de saltos nus.

Peabody comprimiu a língua contra a bochecha.

— Bem, às vezes andávamos só meio despidos. De qualquer maneira — disse antes que Eve berrasse, — foi mágico. E queria comprar um presente de agradecimento ao Roarke. Mas uma vez que ele tem tudo, literalmente, não faço ideia do que possa ser. Pensei que talvez tivesses alguma sugestão.

— Isto é uma esquadra da polícia ou um clube social?

— Vá lá, Dallas. Todos nós nos deixamos envolver demasiado no trabalho. — Peabody sorriu com esperança. — Pensei que talvez lhe pudesse oferecer uma das mantas que a minha mãe faz. Sabes, é ela que as tece e faz um trabalho mesmo muito bonito. Achas que ele ia gostar?

— Ouve, ele não está à espera de nada. Não é necessário.

— Foram as melhores férias que alguma vez tive na vida. E gostava que

ele soubesse o quanto as apreciei. Significou muito para mim, Dallas, que ele tivesse pensado em nós.

— Sim, ele está sempre a pensar. — E, pronto, tinha-se deixado amansar; não podia evitar. — Ele ia gostar muito de ter alguma coisa feita pela tua mãe.

— A sério? Então, ótimo. Vou falar com ela hoje à noite.

— Agora que já tivemos a nossa pequena reunião, Peabody, não há trabalho para fazer?

— Na verdade, não temos nada.

— Então vai buscar-me alguns casos inconclusivos.

— Alguns em especial?

— O que vier à mão. Tenho de fazer alguma coisa.

— Vou tratar disso. — Peabody começou a afastar-se, depois parou. — Sabes qual é a melhor parte de ir de férias? É regressar.

Eve passou a manhã a passar revista a casos por resolver, à procura de um detalhe que passara despercebido, de um ângulo que não fora explorado. O que lhe interessou mais foi o caso de Marsha Stibbs, com vinte e seis anos, que foi encontrada submergida na banheira quando o marido, Boyd, regressara a casa de uma viagem de negócios fora da cidade.

Inicialmente, parecia um daqueles trágicos e típicos acidentes caseiros — até o relatório do médico-legista ter constatado que Marsha não se tinha afogado, mas que estava morta antes daquele último banho de espuma.

Uma vez que quando fora para a banheira já tinha o crânio partido, não tinha certamente entrado no banho perfumado pelo seu próprio pé.

A investigação tinha encontrado provas de que Marsha andava a ter um caso amoroso. Na gaveta da roupa interior da vítima estava um maço de cartas de amor de alguém que se assinava com a inicial C. As cartas eram sexualmente explícitas e imploravam-lhe que pedisse o divórcio ao marido e fugisse com o amante.

De acordo com o relatório, as cartas e o seu conteúdo tinham chocado o marido e todos os entrevistados que conheciam a vítima. O álibi do marido era sólido, assim como todas as verificações efetuadas ao seu passado.

Boyd Stibbs, o representante local de uma empresa de artigos de desporto, era aparentemente o típico homem americano, que ganhava ligeiramente melhor que a média, casara há seis anos com a namorada da faculdade, que trabalhava nas aquisições de uma grande loja. Ele gostava de jogar uma espécie de futebol americano aos domingos, não bebia, não apostava nem tinha problemas com substâncias ilegais. Não havia historial de violência e era voluntário do Teste à Verdade, que passara com excelentes resultados.

Não tinham filhos e viviam num prédio sossegado no West Side, socializavam com um grupo reservado de amigos e, até ao momento da morte dela, sempre tinham mostrado sinais de um casamento feliz e sólido.

A investigação tinha sido metódica, cuidadosa e completa. Porém, o investigador principal nunca conseguira encontrar qualquer rasto do alegado amante com a inicial C.

Eve chamou Peabody pelo intercomunicador.

— Prepara-te, Peabody. Vamos bater a umas portas. — Colocou o ficheiro no saco, pegou no casaco que estava nas costas da cadeira e saiu.

— Nunca tive um caso inconclusivo.

— Não penses nele como inconclusivo — disse-lhe Eve. — Pensa nele como um caso ainda aberto.

— Há quanto tempo este está aberto? — perguntou Peabody.

— Já quase há seis anos.

— Se o tipo que ela andava a comer fora do casamento não apareceu neste tempo todo, como é que o vais descobrir agora?

— Vamos dar um passo de cada vez, Peabody. Lê as cartas.

Peabody tirou-as do saco de provas. A meio da primeira, deixou escapar um *Bolas!*

— Estas cartas até queimam — disse, soprando nos dedos.

— Continua.

— Estás a brincar? — Peabody remexeu o traseiro no banco. — Agora já não me conseguias fazer parar. Estou a aprender imenso. — Continuou a ler, arregalando os olhos de vez em quando, com a garganta comprimida.

— Cristo, acho que acabei de ter um orgasmo.

— Muito obrigada por partilhares essa informação. Que mais retiraste dela?

— Uma verdadeira admiração pela imaginação e resistência do senhor C.

— Deixa-me reformular. O que não tiraste daí?

— Bem, ele nunca assina com o nome completo. — Sabendo que estava a deixar escapar alguma coisa, Peabody voltou a olhar para as cartas. — Não há envelopes, por isso podiam ter sido entregues em mão ou por mensageiro. — Suspirou. — Estou a ter negativa nesta aula. Não sei o que estás a ver que eu não consigo ver.

— Bem, é mais o que eu não estou a ver. Não há referências à altura, ao modo ou ao local onde se conheceram. Como se tornaram amantes. Não há menção do local onde saltavam à espinha um do outro, nas mais variadas e atléticas posições. Isso faz-me parar e refletir.

Confusa, Peabody abanou a cabeça.

— Em quê?

— Na possibilidade de nunca ter existido um senhor C.

— Mas...

— Tens uma mulher casada há vários anos — interrompeu Eve, — com um trabalho bom e respeitável, um círculo de amigos que se manteve durante, mais uma vez, vários anos. De acordo com os testemunhos, nenhum dos amigos fazia a menor ideia de que existia um caso amoroso. Não pela maneira com que ela se comportava, como falava ou vivia. Ela não faltava ao trabalho. Então, quando é que aconteciam as tais cambalhotas atléticas?

— O marido viajava para fora com regularidade.

— É verdade, o que possibilitaria a existência de um caso amoroso se ela se sentisse para aí virada. Porém, a nossa vítima exibia todos os indicadores de lealdade, responsabilidade e honestidade. Ia do trabalho para casa. Saía na companhia do marido ou dos amigos. Não havia chamadas não justificáveis ou questionáveis feitas de ou para a sua casa, o seu escritório ou quaisquer transmissores portáteis. Então como é que ela e o senhor C combinavam o encontro seguinte?

— Pessoalmente? Talvez ele trabalhasse com ela.

— Talvez.

— Mas tu não achas que fosse assim. Muito bem, ela parecia dedicada ao casamento, mas as pessoas de fora, mesmo que sejam amigos próximos, não sabem exatamente o que se passa no casamento dos outros. Por vezes nem o próprio parceiro sabe.

— Absolutamente verdade. O investigador principal concorda contigo e tinha todos os motivos para isso.

— Mas tu não concordas — percebeu Peabody. — Achas que o marido armou isto tudo, que fez com que parecesse que ela o andava a enganar, que inventou o álibi e se esgueirou para casa para a matar, ou que arranjou quem o fizesse?

— É uma opção. É por isso que vamos falar com ele.

Eve subiu uma rampa para estacionar no segundo nível da rua, arrumando o veículo entre um *sedan* e uma mota a jato.

— Na maior parte dos dias, ele trabalha no escritório de casa. — Acenou em direção ao edifício de apartamentos. — Vamos ver se lá está.

Ele estava em casa. Era um homem atraente, em forma, com uns calções e t-shirt de desporto e uma criança pequena sentada na anca. Ao ver o distintivo de Eve, uma sombra cruzou os seus olhos. Uma sombra que tinha a textura da mágoa.

— É sobre a Marsha? Surgiu alguma informação nova? — Virou o ros-

to, rapidamente, para o cabelo louro-claro da menina que tinha ao colo. — Desculpem, entrem. Há tanto tempo que ninguém entra em contacto comigo para falar do que aconteceu. Se quiserem sentar-se, gostava de ir colocar a minha filha na outra sala. Preferia que ela não...

Desta vez foi a mão dele que pousou no cabelo da menina, num gesto protetor.

— É só um minuto.

Eve esperou que eles saíssem da sala.

— Que idade tem a menina, Peabody?

— Uns dois anos, diria eu.

Eve acenou e passou para a sala de estar. Havia brinquedos espalhados pelo chão e mobílias alegres.

Ouviu um gritinho agudo, infantil e uma exigência firme:

— Papá! Brincar!

— Daqui a bocadinho, Tracie. Brincas aqui agora e quando a mamã chegar a casa, talvez vamos ao parque. Mas tens de te portar bem enquanto falo com estas senhoras, está bem?

— Baloíços?

— Claro que sim.

Quando regressou, passou as mãos pelo próprio cabelo, que também era louro, mas escuro.

— Não queria que ela nos ouvisse a falar da Marsha e do que aconteceu. Descobriram alguma coisa? Conseguiram encontrá-lo finalmente?

— Lamento, Senhor Stibbs. Estamos apenas a fazer um seguimento de rotina.

— Então não há nada novo? Estava com esperanças... Acho que é estúpido, achar que o iam encontrar ao fim de tanto tempo.

— O senhor não fazia ideia com quem a sua mulher estava a ter um caso amoroso?

— Ela não tinha caso nenhum. — Rosnou as palavras, com a fúria a aflorar-lhe ao rosto, tornando-o duro. — Não quero saber do que dizem as outras pessoas. Ela não andava a ter caso amoroso nenhum. Nunca acreditei nisso... Quero dizer, acho que inicialmente acreditei, quando tudo estava de pernas para o ar e nem conseguia pensar como devia ser. A Marsha não era mentirosa, não era infiel. E amava-me.

Ele fechou os olhos, pareceu retirar-se.

— Podemos sentar-nos?

Deixou-se cair para uma cadeira.

— Desculpem ter gritado convosco. Mas não suporto que as pessoas digam isso sobre a Marsha. Não suporto saber que as pessoas, os amigos pensam isso dela. Ela não merece.

— Mas foram encontradas cartas na gaveta dela.

— Não quero saber das cartas para nada. Ela não me teria enganado. Nós tínhamos...

Olhou de relance para o quarto da filha, onde a menina cantava desafinada.

— Ouçam, nós tínhamos uma vida sexual fantástica. Foi esse um dos motivos que nos levou a casar tão cedo; não conseguíamos tirar as mãos de cima um do outro. E a Marsha acreditava fortemente no casamento. Vou dizer-lhe o que acho que aconteceu. — Inclinou-se para a frente. — Acho que alguém andava obcecado por ela, que fantasiava com ela ou qualquer coisa do género. Ele deve ter-lhe enviado as cartas. Nunca saberei por que motivo não me contou nada. Talvez não me tenha querido preocupar, sei lá. Acho que ele veio aqui quando estive em Columbus e que a matou porque não a podia ter.

Eve pensou que ele estava a ter uma boa pontuação no medidor de sinceridade. Esse tipo de coisas podia ser forjado, mas qual era o objetivo naquele caso? Que propósito servia insistir que a vítima era pura e depois associá-la ao adultério?

— Se foi esse o caso, Senhor Stibbs, continua sem fazer ideia de quem essa pessoa podia ser?

— Nenhuma. Já pensei nisso. No primeiro ano depois da morte dela, mal conseguia pensar noutra coisa. Queria acreditar que ele seria encontrado e castigado e que teria uma espécie qualquer de pagamento pelo que fizera. Nós éramos felizes, Tenente. Não tínhamos uma única preocupação no mundo. E depois, acabou tudo. — Ele comprimiu os lábios. — Acabou simplesmente.

— Lamento, Senhor Stibbs. — Eve esperou um segundo. — Tem ali uma menina muito bonita.

— A Tracie? — Ele passou a mão pelo rosto, como se regressasse ao presente. — É a luz da minha vida.

— Então voltou a casar.

— Quase há três anos. — Suspirou e encolheu ligeiramente os ombros. — A Maureen é ótima. Ela e a Marsha eram amigas. Ela foi uma das pessoas que me ajudou a ultrapassar o primeiro ano. Não sei o que teria feito se não fosse ela.

Enquanto ele falava, a porta da frente abriu-se. Uma morena bonita com os braços cheios de mercearias abriu a porta com o pé.

— Olá pessoal! Já cheguei. Não vão adivinhar o que...

Quando viu Eve e Peabody, a sua voz desvaneceu-se. E à medida que o olhar pousava no uniforme de Peabody, Eve viu uma onda de medo a invadir-lhe o rosto.

Boyd também devia ter visto a expressão dela, porque se levantou e atravessou rapidamente a sala na sua direção.

— Está tudo bem. — Tocou-lhe levemente no braço, um pequeno gesto de reconforto, antes de lhe tirar os sacos das mãos. — Estão aqui para falar de Marsha. Para um seguimento de rotina.

— Oh, bem... e a Tracie?

— Está no quarto dela. Está a...

Enquanto falava, a menina apareceu na sala como uma pequena bala loura, lançando-se para as pernas da mãe.

— Mamã! Vamos baloiços!

— Vamos deixar-vos o mais depressa possível — disse Eve. — Não se importa se falarmos consigo durante um pouco, Senhora Stibbs?

— Peço desculpa, mas não sei o que posso... as mercearias.

— A Tracie e eu guardamo-las, não é querida?

— Eu preferia...

— Ela acha que nós não sabemos o sítio das coisas — interrompeu Boyd, piscando o olho à filha. — Já lhe mostramos. Anda, fofa. Estamos de serviço à cozinha.

A menina foi a correr à frente dele, a tagarelar na linguagem estranha das crianças.

— Peço desculpa por estar a incomodar — começou Eve. O olhar fixo no rosto de Maureen era frio, calmo e inexpressivo. — Não vai demorar muito tempo. Era amiga de Marsha Stibbs?

— Sim, de ambos, dela e do Boyd. Isto é tudo muito perturbador para o Boyd.

— Sim, tenho a certeza que sim. Há quanto tempo conhecia a Senhora Stibbs quando ela morreu?

— Há cerca de um ano, talvez um pouco mais. — Olhou desesperadamente para a cozinha, onde se ouviam barulhos e gargalhadas. — Ela já morreu quase há seis anos. Temos de deixar esta história no passado.

— Seis dias, seis anos, de qualquer forma alguém a matou. Eram muito próximas?

— Éramos amigas, a Marsha era uma pessoa muito extrovertida.

— Alguma vez confidenciou que andava a encontrar-se com outra pessoa?

Maureen abriu a boca, hesitou, depois abanou a cabeça.

— Não, não sei de nada. Falei com a Polícia na altura e contei-lhes tudo o que sabia. O que aconteceu foi horrível, mas não há como o mudar. Nós temos uma vida nova agora. Uma vida boa, sossegada. Virem aqui falar disto novamente só faz com que o Boyd volte a sofrer. Não quero a minha família perturbada. Desculpem, mas gostava que se fossem embora.

No corredor, Peabody olhou de relance para trás enquanto Eve avançava com passos largos para o elevador.

— Ela sabe de alguma coisa.

— Oh, sim, pois sabe.

— Pensei que ias pressioná-la um pouco.

— Não no território dela. — Eve entrou para o elevador. Já estava a fazer contas de cabeça, a encaixar as peças do puzzle. — Não com a filha ali, com o Stibbs. A Marsha já esperou até agora, mais um bocadinho não lhe vai fazer diferença.

— Mas achas que ele está limpo.

— Acho que... — Eve tirou o ficheiro e o disco do saco e estendeu-os. — Que devias ser tu a tratar do caso.

— Chefe?

— Fica com o caso, Peabody. Fecha-o.

De queixo caído, Peabody olhou fixamente para ela.

— Eu? Assim como investigadora principal? Num homicídio?

— Vais ter de trabalhar nele nas tuas horas livres, principalmente se entretanto nos surgir outra coisa para investigar. Mas lê os ficheiros, estuda os relatórios e depoimentos. Volta a interrogar as pessoas. Sabes como se faz.

— Estás a dar-me um caso?

— Se tiveres perguntas, basta fazê-las. Eu posso ser consultora quando precisares. Envia-me cópias de todas as informações e progressos.

Peabody sentiu a adrenalina inundar-lhe o sangue e os nervos tomaram conta da sua barriga.

— Sim, chefe. Obrigada. Não vou desiludir-te.

— Não desiludas é a Marsha Stibbs.

Peabody comprimiu o ficheiro contra o peito como se fosse uma criança amada. E manteve-o ali durante todo o caminho de regresso à Central.

Enquanto subiam da garagem, Peabody olhou de esguelha para Eve.

— Tenente?

— Hmm.

— Estava aqui a pensar se posso pedir ao McNab que me assista na parte eletrónica. Os comunicadores da vítima, os discos de segurança do edifício onde morava e essas coisas.

Eve enfiou as mãos nos bolsos.

— O caso é teu.

— O caso é meu — repetiu Peabody, com um murmúrio espantado. Ainda estava com um sorriso de orelha a orelha quando percorreram o corredor até ao recinto de Homicídios.

— Que diabo de confusão é aquela? — Eve franziu o sobrolho e os dedos dirigiram-se instintivamente à arma ao ouvir os sons de gritos, assobios e absoluto caos vindo da Divisão de Homicídios.

Entrou primeiro na sala, passando os olhos pelo espaço. Ninguém estava sentado à sua secretária ou cubículo. Pelo menos uma dúzia de agentes da lei devidamente autorizados estavam apinhados no centro da sala, envolvidos no que parecia estranhamente ser uma festa.

Eve torceu o nariz. Cheirava-lhe a bolos.

— Que diabo se passa aqui? — Teve de gritar e mesmo assim a sua voz não conseguiu sobrepor-se à confusão. — Pearson, Baxter, Delricky! — Uma vez que acompanhou a chamada com um murro no ombro de Pearson e uma cotovelada brusca na barriga de Baxter enquanto tentava abrir caminho por entre a multidão, conseguiu reunir alguma atenção. — Estão todos sob a ilusão de que a morte meteu férias? Onde diabo arranjas-te esse cupcake?

Mesmo enquanto lhe acenava com o dedo, Baxter enfiou o que restava do bolo na boca. Como resultado, a sua explicação foi incoerente. Limitou-se a sorrir por entre o creme e a apontar.

Foi então que Eve viu — cupcakes, bolachas e o que parecia ter sido uma tarte antes de uma verdadeira matilha de lobos a ter atacado. E viu dois civis no meio dos lobos. O homem alto e magro e a mulher baixinha e robusta estavam a sorrir amplamente e a servir um líquido rosa-claro de um enorme jarro.

— Retirem-se! Retirem-se todos e regressem aos vossos postos. Isto não é uma festa, caramba.

Mas antes de conseguir abrir caminho para os civis, ouviu Peabody dar um grito.

Virou-se, com a arma a saltar-lhe para a mão e quase foi derrubada quando a assistente a ultrapassou e se precipitou para os civis.

O homem apanhou-a e, magro ou não, conseguiu levantar a forte Peabody do chão. A mulher deu meia-volta, com a longa saia azul a girar enquanto estendia os braços e compôs uma estranha e apertada sandes de Peabody.

— Cá está a minha menina. Cá está a minha DeeDee. — O rosto do homem brilhava com uma adoração tão óbvia que a mão de Eve largou a arma e ficou pendurada ao lado do corpo.

— Papá. — Com uma expressão entre um soluço e uma risada, Peabody enterrou o rosto no pescoço do homem.

— Fico todo emocionado — murmurou Baxter, pegando noutra cupcake. — Chegaram há cerca de quinze minutos e trouxeram coisas boas com eles. Bem, estes bolos são letais — acrescentou e comeu outro cupcake.

Eve tamborilou com os dedos na coxa.

— Que tipo de tarte era?

Baxter sorriu amplamente.

— Do tipo excepcional — disse-lhe e regressou para a secretária.

A mulher soltou o seu abraço apertado em volta de Peabody e virou-se. Era extraordinariamente bonita, com o mesmo cabelo escuro da filha, mas que usava como uma cascata que lhe caía pelas costas. A saia azul chegava-lhe quase às sandálias simples de corda. A blusa era comprida, solta e da cor das campainhas e por cima usava pelo menos meia dúzia de fios e pingentes.

O rosto era mais suave que o de Peabody, com as linhas do tempo a irradiarem dos cantos dos olhos diretos e brilhantes. Quando se dirigiu a Eve, de braços estendidos, movimentava-se como uma bailarina.

— E você é a Tenente Dallas. Era capaz de a reconhecer em qualquer lado. — Pegou em ambas as mãos de Eve. — Eu sou a Phoebe, a mãe da Delia.

As mãos dela eram quentes, com as palmas um pouco ásperas e os dedos cheios de anéis. As pulseiras chocalhavam e retiniam nos seus pulsos.

— Muito prazer em conhecê-la, Senhora Peabody.

— Phoebe. — Sorriu, e ainda a segurar nas mãos de Eve, puxou-a para a frente. — Sam, larga a miúda para poderes conhecer a Tenente Dallas.

Ele virou-se, mas manteve o braço em volta dos ombros de Peabody.

— Fico muito contente por a conhecer. — Pegou na mão de Eve, ainda envolvida pela mão da mulher. — Sinto que já nos conhecemos, com tudo o que a Peabody já nos contou sobre si. E o Zeke. Nunca vamos conseguir agradecer-lhe o suficiente pelo que fez pelo nosso filho.

Um pouco desconfortável com toda aquela boa vontade dirigida a si, Eve conseguiu libertar a mão.

— Como está ele?

— Está muito bem. Tenho a certeza que se soubesse que vínhamos aqui, teria mandado cumprimentos para si.

Ele voltou a sorrir, um sorriso calmo e fácil. Eve conseguia ver as semelhanças entre ele e o irmão de Peabody. O rosto estreito e forte, os olhos de um cinzento sonhador. Mas havia uma centelha vivaça nos olhos de Sam Peabody, alguma coisa que arrepiava Eve.

Aquele homem não era um cachorrinho como o filho.

— Quando falar com ele, dê-lhe os meus cumprimentos também. Peabody, tira algum tempo de folga.

— Sim, chefe. Obrigada.

— É muito bondoso da sua parte — disse Phoebe. — Estava a pensar se seria possível termos um pouco do seu tempo também. Deve estar muito ocupada — disse antes que Eve pudesse falar, — mas estava com esperanças que pudéssemos talvez jantar juntos. Consigo e com o seu marido. Temos presentes para vos oferecer.

— Não precisam de nos oferecer nada.

— Os presentes não são oferecidos por obrigação, mas sim por afeto, e esperamos que gostem deles. A Delia já nos falou tanto de si, do Roarke e da vossa casa. Deve ser um lugar magnífico. Espero que Sam e eu possamos ter oportunidade de a conhecer.

Eve sentiu a caixa a ser construída à sua volta, viu a tampa a fechar-se lentamente. E Phoebe continuava a sorrir serenamente enquanto Peabody se interessava avidamente pelo teto.

— Claro. Hmm, podiam vir jantar connosco.

— Adoraríamos. Às oito, pode ser?

— Sim, às oito parece-me bem. A Peabody sabe o caminho. De qualquer maneira, bem-vindos a Nova Iorque. Eu tenho... coisas para fazer — acabou sem jeito e recuou para se escapar dali.

— Tenente? Chefe? Venho já — murmurou Peabody para os pais, depois foi atrás de Eve. Antes de chegarem à porta do escritório, o barulho na sala aumentou novamente.

— Eles não conseguem evitar — disse Peabody rapidamente. — O meu pai gosta mesmo de fazer bolos e está sempre a levar comida para todos os lugares.

— Como é que eles conseguiram trazer isto tudo no avião?

— Oh, eles não voam. Vieram na sua caravana. E a fazer os bolos pelo caminho — acrescentou com um sorriso entusiasmado. — Não são ótimos?

— São, mas tens de lhes dizer para não trazerem comida de cada vez que te vierem ver. Vamos acabar com um bando de detetives gordos em coma sacarino.

— Consegui surripiar um para ti. — Peabody mostrou o cupcake que tinha atrás das costas. — Só vou demorar umas horas, Dallas, enquanto os ajudo a instalarem-se.

— Tira o resto do dia.

— Está bem. Obrigada. A sério. Hmm... — Peabody estremeceu e fechou a porta do escritório. — Há uma coisa que tenho de te dizer. Sobre a minha mãe. Ela tem o poder.

— O poder de quê?

— O poder de te obrigar a fazer coisas que não queres, ou a não pensares no que não queres fazer. E é capaz de te fazer dizer coisas que não queres dizer. E até és capaz de balbuciar.

— Eu não balbucio.

— Mas vais balbuciar — disse Peabody pesarosamente. — Eu amo-a. Ela é espantosa, mas tem esta coisa... Olha para ti e sabe logo.

Franzindo o sobrolho, Eve sentou-se.

— É sensorial?

— Não. O meu pai é que é, mas ele é mesmo muito austero no que diz respeito à invasão da privacidade das pessoas. Ela é apenas... mãe. Tem qualquer coisa a ver com isso, de ser mãe, só que ela tem-no às pazadas. Bolas, a mãe vê tudo, sabe de tudo, domina tudo. Metade do tempo nem sequer te apercebes que o está a fazer. Ora pensa, convidaste-os para jantar hoje quando tu nem convidas pessoas para jantar na tua casa.

— Convido sim.

— Hã-hã. Quem convida é o Roarke. Podias ter dito que estavas ocupada ou então, muito bem, encontramos-nos num restaurante ou qualquer coisa do género, mas ela queria ir jantar à tua casa e convidaste-a.

Eve teve de se controlar para não se contorcer na cadeira.

— Estava a ser bem-educada. Também sei como se faz.

— Não, foste encurralada pelo Olhar. — Peabody abanou a cabeça. — Até tu és impotente perante ele. Bem, pensei apenas que devia avisar-te.

— Desanda, Peabody.

— Já estou a desandar, chefe. Oh, e hmm... — Hesitou ao chegar à porta. — Eu tinha mais ou menos um encontro marcado com o McNab hoje à noite, por isso talvez ele também possa ir jantar. Assim, sabes, até conhecia os meus pais sem ser tão constrangedor.

Eve pousou a cabeça nas mãos.

— Jesus.

— Obrigada! Vemo-nos à noite.

Sozinha, Eve amouu. Depois franziu o sobrolho. A seguir comeu o cupcake.

— Então pintaram-me o escritório e roubaram-me os doces. Outra vez. — Em casa, na espaçosa sala de estar com as peças antigas e brilhantes e os vidros reluzentes, Eve andava de um lado para o outro no inestimável tapete persa. Roarke tinha acabado de chegar a casa, por isso na última hora não tinha tido ninguém a quem se queixar.

Tanto quanto lhe era dado a entender, ter um companheiro com quem se podia queixar era um dos principais benefícios do casamento.

— E a Peabody acabou o trabalho todo enquanto estive fora, o que quer dizer que nem isso tive para fazer.

— Ela devia ter vergonha. Imagina só, a tua assistente a tratar da papelada por trás das tuas costas.

— Cuidado com os comentários espertalhões, amigo, porque também tens algumas explicações para me dar.

Ele limitou-se a estender as pernas e a cruzar os tornozelos.

— Ah. Então a Peabody e o McNab gostaram de Bimini?

— Tu és mesmo um benemérito, não és? A enviá-los para uma ilha qualquer para que pudessem andar por lá despidos e a escorregar nas cascatas.

— Presumo que isso quer dizer que se divertiram.

— Camas de gel — resmungou Eve. — Macacos despidos.

— Desculpa?

Ela abanou a cabeça.

— Tens de parar de interferir nisto... nesta coisa que eles têm entre eles.

— Talvez o faça — disse ele indolentemente. — Quando tu deixares de encarar a relação deles como uma espécie de bicho-papão.

— Bicho-papão? Que raio é isso? — Passou com uma mão frustrada pelo cabelo. — Não vejo a relação deles como um bicho-papão porque nem sei o que isso significa. Os polícias...

— Também merecem ter vidas — interrompeu-a ele. — Como toda a gente. Descontraia, Tenente. A nossa Peabody tem a cabeça assente nos ombros.

Expirando com força, Eve deixou-se cair numa poltrona.

— Bicho-papão — disse, com desdém. — Isso nem devia ser uma criatura e, se for, é uma criatura bastante estúpida. Hoje dei-lhe um caso.

Ele estendeu a mão para brincar com os dedos com que ela tamborilava incessantemente contra o joelho.

— Não me tinhas dito que te surgiu um caso hoje.

— Não surgiu. Fui buscar um aos casos inconclusivos. É de há seis anos. Uma mulher, bonita, jovem, profissional em ascensão, casada. O marido estava fora da cidade e, quando chegou, encontrou-a morta na banheira. Um homicídio mal disfarçado de autoterminação ou acidente. O alibi dele é sólido e parece absolutamente limpo. Todos os entrevistados falaram de como eles eram um casal perfeito e feliz como os gansos.

— Nunca te questionaste como se determina o nível de felicidade de um ganso?

— Mais tarde penso nisso a sério. De qualquer maneira, havia um maço de cartas escondidas na gaveta da roupa interior. Cartas de teor sexual realmente explícito de alguém que assina com o nome C.

— Um caso extraconjugal, um arrufo de amantes, homicídio?

— O investigador principal do caso achou que sim.

— Mas tu não achas?

— Nunca ninguém conseguiu encontrar o tipo, nunca ninguém o viu nem nunca ninguém a ouviu falar dele. Ou pelo menos assim o dizem. Fui visitar o marido e conheci a sua nova mulher e filha. Uma miúda pequenina, com dois anos, mais ou menos.

— Podemos presumir que, depois de um período de luto, ele continuou, justificadamente, com a sua vida, arranjando uma vida nova.

— Podemos presumir isso.

— Não que alguma vez o fizesse, claro. Em circunstâncias semelhantes, eu andaria a vaguear sem destino, um homem quebrado, perdido e sem propósito na vida.

Ela olhou para ele ceticamente.

— Não me digas?

— Naturalmente que sim. Agora devias dizer qualquer coisa do tipo, sem mim na tua vida não terias uma vida de verdade.

— Pois, pois. — Ela riu-se quando ele lhe mordeu os dedos com que estava a brincar. — Então de volta ao mundo real. Acho que sei como as coisas aconteceram. Bastam dois ou três bons puxões e o caso fica fechado em vez de inconclusivo.

— Só que em vez de lhe dares os puxões, entregaste-o a Peabody.

— Ela precisa da experiência. Um pouco mais de tempo não vai fazer diferença a Marsha Stibbs. Se a Peabody enveredar pelo caminho errado, eu corrijo-lhe a rota.

— Ela deve estar entusiasmada.

— Cristo, até tem estrelas nos olhos.

Aquilo fez Roarke sorrir.

— Qual foi o primeiro caso que o Feeney te entregou?

— Thomas Carter. Entrou no carro numa bela manhã, introduziu a chave e o carro explodiu, espalhando pedaços do corpo dele por todo o West Side. Era casado, tinha dois filhos, vendia seguros. Não tinha trabalhos por fora, inimigos nem vícios perigosos. Não havia motivo. O caso estagnou, foi inconclusivo. O Feeney foi desenterrá-lo e entregou-mo, disse-me para trabalhar nele.

— E?

— O alvo não era o Thomas Carter. Era Thomas K. Carter, um traficante de substâncias ilegais de segunda categoria, viciado em jogo. O idiota do

assassino contratado identificou o alvo errado. — Eve olhou para Roarke e viu-o a sorrir amplamente para ela. — E sim, lembro-me bem da sensação de receber aquele caso e de o conseguir resolver.

— Tu és uma boa formadora, Eve. E uma boa amiga.

— A amizade não tem nada a ver com isto. Se não achasse que ela conseguia resolver o caso, não lho teria dado.

— Essa é a parte da formação. A parte da amizade deve estar quase a chegar.

— O jantar. Que raio vamos fazer com eles quando não estivermos a comer?

— Chama-se conversar. Socializar. Algumas pessoas até conseguem criar o hábito de fazer as duas coisas, praticamente todos os dias.

— Bem, pois, há gente muito esquisita. És capaz de gostar dos Peabody. Conte-te que, quando voltei para a Central, eles estavam a alimentar o pessoal a cupcakes e bolachas? A tarte?

— Tarte? Que tarte?

— Não sei. Quando lá cheguei, a única coisa que restava era o prato, e acho que alguém o comeu também. Mas os cupcakes eram deliciosos. De qualquer maneira, a Peabody veio ao meu escritório e disse-me umas coisas esquisitas sobre a mãe.

Ele agora estava a brincar com as pontas do cabelo dela, apreciando o seu aspeto filamentosos. Teria entendido perfeitamente o que Boyd dissera sobre não conseguir tirar as mãos de cima da mulher.

— Pensei que elas se davam bastante bem.

— Sim, parecem dar-se bem. Mas ela disse que precisava de me avisar que a mãe tem uns poderes.

— Wicca?

— Não e também acho que não tem nada a ver com aquelas cenas Espírito-Livre, embora me tenha dito que o pai é sensitivo. Disse que a mãe é capaz de nos convencer a fazer coisas que não queremos necessariamente fazer, ou dizer coisas que preferíamos guardar para nós. Segundo a Peabody, só os convidei para jantar aqui hoje porque fui encurralada pelo Olhar.

Intrigado, Roarke inclinou a cabeça.

— Controlo da mente?

— Não faço ideia, mas ela disse que era uma coisa de mãe e que a mãe dela era particularmente boa nisso. Ou qualquer coisa do género. Não fez grande sentido para mim.

— Bem, nenhum de nós sabe grande coisa sobre mães, não é? E se ela não é a nossa mãe, acho que estamos perfeitamente imunes aos seus poderes maternos, sejam lá quais forem.

— Não estou preocupada com isso, só estou a transmitir o aviso.

Summerset, o mordomo de Roarke e a desgraça na existência de Eve, apareceu à porta. Fungou uma vez, com uma expressão de reprovação no rosto ossudo.

— Essa *Chippendale* é uma mesa de centro, Tenente, não um repouso-pés.

— Como é que consegue andar com esse pau espetado no traseiro? — Deixou os pés onde estavam, confortavelmente pousados em cima da mesa. — Magoa-o ou proporciona-lhe uma agradável sensação?

— Os vossos convidados para jantar já chegaram — disse Summerset, enrolando os lábios.

— Obrigado, Summerset. — Roarke levantou-se. — Vamos tomar os aperitivos aqui. — Estendeu uma mão a Eve.

Ela esperou, deliberadamente, que Summerset saísse para pousar os pés no chão.

— Para bem de um agradável serão — disse Roarke enquanto se dirigiam para o átrio, — não te importas de não voltar a falar do pau no traseiro do Summerset durante o resto da noite?

— Está bem. Se ele me chatear, tiro-lho e dou-lhe com ele na cabeça.

— Isso seria divertido.

Summerset já tinha aberto a porta e Sam Peabody estava já a agarrar-lhe na mão, agitando-a num cumprimento amistoso.

— Muito prazer em conhecê-lo. Obrigado por nos receber. Eu sou o Sam e esta é a Phoebe. Você é o Summerset, não é? A DeeDee contou-nos que é você quem cuida da casa e de tudo o que há nela.

— Exatamente. Senhora Peabody — respondeu Summerset, acenando a Phoebe. — Agente, Detetive. Posso guardar as vossas coisas?

— Não, obrigada. — Phoebe agarrou-se à caixa que trazia na mão. — Os jardins da frente e os arranjos são muito bonitos. E tão inesperados no meio de um mundo tão urbano.

— Sim, agradam-nos muito.

— Olá mais uma vez. — Phoebe sorriu a Eve enquanto Summerset fechava a porta da frente. — E Roarke. Tinhas razão, Delia, ele é espetacular.

— Mãe. — Peabody engasgou-se com a palavra enquanto a cor lhe subia ao rosto.

— Obrigado. — Roarke pegou na mão de Phoebe e levou-a aos lábios. — É um elogio que posso devolver. É maravilhoso conhecer-vos, Phoebe, Sam. — Virou-se e apertou a mão estendida de Sam. — Vocês criaram uma filha admirável e encantadora.

— Nós gostamos dela — disse Sam, apertando os ombros a Peabody.

— Nós também. Por favor, entrem. Fiquem à vontade.

Ele é tão bom nisto, pensou Eve, enquanto Roarke instalava toda a

gente na sala principal. Era suave como seda, polido como vidro. Poucos instantes depois já toda a gente tinha uma bebida na mão e ele estava a responder a perguntas sobre as várias peças de arte antigas que existiam na sala.

Como Roarke estava a falar com os Peabody, Eve concentrou a sua atenção em McNab. O mago da DDE estava vestido naquilo que Eve achava que devia ser a sua roupa mais conservadora. A camisa roxa encontrava-se metida por dentro de um par de calças soltas de seda, no mesmo tom. Os botins também eram roxos. No lóbulo da orelha esquerda pendiam-lhe meia dúzia de minúsculas argolas douradas.

Usava o cabelo louro liso preso num rabo de cavalo bem puxado para longe do rosto. E já agora, Eve reparou, o rosto bonito de McNab estava mais ou menos da cor de uma lagosta cozida.

— Esqueceste-te do protetor solar, McNab?

— Só uma vez. — Revirou os olhos verdes. — Devias ver como tenho o traseiro.

— Não. — Eve bebeu um longo gole de vinho. — Não devia.

— É uma maneira de falar. Estou um bocadinho nervoso. Tu sabes. — Acenou com a cabeça na direção do pai de Peabody. — É muito estranho ter uma conversa de circunstância com ele quando ambos sabemos que lhe ando a comer a filha. Além disso, ele é médium, e estou sempre preocupado que se pensar em dar uma volta com a Peabody, ele vai saber que estou a pensar fazê-lo. É esquisito de mais.

— Então não penses nisso.

— Não consigo evitar. — McNab riu-se. — Sou homem.

Ela olhou para a roupa dele.

— Pelo menos é o que dizem os boatos.

— Com licença. — Phoebe tocou no braço de Eve. — O Sam e eu gostaríamos de lhe oferecer este presente, a si e ao Roarke. — Entregou a caixa a Eve. — Pela vossa generosidade e amizade para com os nossos filhos.

— Obrigada. — Os presentes faziam sempre com que se sentisse constrangida. Mesmo depois de mais de um ano com Roarke e com o seu hábito de lhe oferecer coisas, nunca sabia bem como lidar com a situação.

Talvez fosse porque passara a maior parte da vida sem ter quem se importasse suficientemente com ela para lhe oferecer presentes.

Eve pousou a caixa e puxou o laço de fio simples. Abriu a tampa e afastou os papéis. Aninhados dentro da caixa estavam dois castiçais esguios feitos de uma pedra brilhante em tons de verde e lilás que se fundiam.

— São lindos. A sério.

— A pedra é fluorite — disse-lhe Sam. — É boa para purificar a aura, para a paz de espírito, para a clareza de pensamentos. Pensámos, uma vez

que ambos têm ocupações tão exigentes e difíceis, que esta pedra seria bastante benéfica.

— São adoráveis. — Roarke levantou um castiçal. — Um trabalho manual requintado. É vosso?

Phoebe enviou-lhe um sorriso brilhante.

— Fizemo-los juntos.

— Então são duplamente preciosos. Obrigado. Costumam vender o vosso trabalho?

— De vez em quando — disse Sam. — Mas preferimos oferecê-los.

— Eu vendo quando é preciso vender — intercedeu Phoebe. — O Sam é mais sentimental. Eu sou mais prática.

— Com a vossa licença. — Summerset estava mais uma vez junto à ombreira da porta. — O jantar está servido.

Foi mais fácil do que Eve pensou. Eles eram pessoas simpáticas, interessantes e divertidas. E o orgulho que tinham em Peabody era tão evidente que era impossível não se gostar deles.

— Claro que ficámos preocupados — disse Phoebe quando começaram a comer a sopa de lagosta — quando a Dee nos disse o que queria fazer da vida, e onde. É uma profissão perigosa, numa cidade perigosa. — Sorriu para a filha, do outro lado da mesa. — Mas entendemos que é a vocação dela e confiamos que ela faça um bom trabalho.

— Ela é uma boa polícia — disse Eve.

— O que é uma boa polícia? — Ao ver o sobrolho franzido de Eve, Phoebe gesticulou: — Quero dizer, qual seria a sua definição particular de um bom polícia?

— É alguém que respeita o seu distintivo e o que ele representa; alguém que não para até conseguir fazer a diferença.

— Sim. — Phoebe acenou com a cabeça em sinal de aprovação. Os olhos, escuros e diretos, ficaram pousados em Eve.

E alguma coisa naquele olhar fixo e conhecedor fez com que Eve tivesse vontade de se contorcer na cadeira; decidiu que Phoebe seria arrasadora a fazer interrogatórios.

— Todos estamos aqui para tentar fazer a diferença. — Phoebe levantou o copo, gesticulando com ele antes de beber. — Alguns fazem-no através da oração, outros da arte ou do comércio. Outros fazem-no através da lei. As pessoas acham muitas vezes que os Espíritos-Livres não acreditam na lei, na lei da terra, por assim dizer. Mas acreditamos. Acreditamos na ordem e no equilíbrio e no direito que cada indivíduo tem de perseguir a vida e a felicidade sem prejuízo dos outros. Quando defende a lei, defende o equilíbrio e os indivíduos que foram prejudicados.

— O roubo de uma vida, uma coisa que jamais entenderei, provoca um

vazio no mundo. — Sam pousou a sua mão por cima da da mulher. — A Dee não nos conta muito sobre o seu trabalho, não fala muito dos detalhes. Mas contou-nos que você faz a diferença.

— É o meu trabalho.

— E estamos a deixá-la constrangida — disse Phoebe enquanto levantava o copo de vinho. — Porque não mudo de assunto e lhe digo como tem uma casa bonita? — Virou-se para Roarke. — Espero poder fazer uma visita depois do jantar.

— Tem seis ou oito meses livres? — resmungou Eve.

— A Eve afirma que temos salas nesta casa que desconhecemos — comentou Roarke.

— Mas você conhece. — Phoebe ergueu as sobrancelhas. — Certamente que as conhece a todas.

— Com licença. — Summerset entrou na sala de jantar. — Tem uma chamada, Tenente, é da Central.

— Desculpem. — Afastou-se da mesa e saiu rapidamente da sala.

Voltou poucos minutos depois. Ao olhar para o rosto dela, Roarke percebeu que ia ficar sozinho com os convidados o resto da noite.

— Peabody, vem comigo. Desculpem. — Olhou para os rostos de todos, demorando-se um pouco mais em Roarke. — Mas temos de ir.

— Tenente? Queres que vá também?

Eve olhou para trás, para McNab.

— Sim, vou precisar de ti. Vamos embora. Desculpem — repetiu.

— Não te preocupes com isso. — Roarke levantou-se e passou os dedos pelo rosto dela. — Tenha cuidado, Tenente.

— Certo.

— São os ossos do ofício — disse Roarke, sentando-se novamente, quando ficou sozinho com Phoebe e Sam.

— Alguém morreu — disse Sam em voz alta.

— Sim, alguém morreu. E agora — disse Roarke, — eles vão trabalhar para recuperar o equilíbrio.

Walter C. Pettibone, o aniversariante, tinha chegado a casa exatamente às sete e meia. Cento e setenta e três amigos e conhecidos tinham gritado “Surpresa!” em uníssono assim que ele entrara pela porta.

Mas não foi isso que o matou.

Ele sorriu como um menino, ralhcou com a mulher a brincar por o ter enganado e cumprimentou os seus convidados com simpatia e prazer. Às oito da noite, a festa estava a todo o gás e Walter deixou-se envolver sumptuosamente na grande quantidade e variedade de comida que os fornecedores ofereciam. Comeu ovos de perdiz e caviar, salmão fumado e rolos de espinafres.

Mas também não tinha sido isso que o matara.

Dançou com a mulher, abraçou os filhos e deixou cair uma lágrima com o brinde de aniversário sentimental que o filho fez.

E sobreviveu.

Às oito e quarenta e cinco, com o braço em redor da cintura da mulher, ergueu mais uma taça de champanhe, pediu a atenção dos convidados e lançou-se num discurso sentido, em que falou da soma da vida de um homem e na riqueza que a sua vida tinha por ser abençoada com amigos e família.

— À vossa — disse, com a voz inundada de emoção, — meus amigos queridos, por partilharem este dia comigo. Aos meus filhos, que me deixam orgulhoso, obrigado por todas as alegrias que me deram. E à minha querida mulher, que todos os dias me faz sentir grato por estar vivo.

Seguiu-se uma bela onda de aplausos, depois Walter levou a taça à boca e bebeu um longo trago.

E foi isso que o matou.

Engasgou-se, os olhos ficaram arregalados. A mulher soltou um pequeno grito enquanto ele se agarrava ao colarinho da camisa. O filho bateu-lhe nas costas com força. Cambaleando, dirigiu-se para a frente, para os convidados, derrubando vários como se fossem pinos de bowling, antes de cair no chão e começar a ter convulsões.

Um dos convidados era médico e abriu caminho para ajudar. Chamaram os técnicos de assistência médica e embora tenham chegado cinco minutos depois, Walter já estava morto.

O cianeto na sua taça de champanhe tinha sido um inesperado presente de aniversário.

...

Eve observou-o, a cor azulada em redor da boca, os olhos chocados e fixos. Apanhou o ligeiro aroma a amêndoas torradas. Na tentativa inicial de o reanimarem, tinham-no levado para um sofá e aberto a camisa. Ainda ninguém tinha varrido a taça nem a porcelana partidas. A sala tinha um cheiro forte a flores, a vinho, a camarão frio e a morte fresca.

Walter C. Pettibone, pensou Eve, chegado e partido do mundo no mesmo dia. Um ciclo que se fechava, mas que a maior parte dos humanos preferia evitar.

— Quero ver o médico que o socorreu primeiro — disse a Peabody, depois observou o chão. — Temos de mandar tirar estas merdas todas partidas e identificar que recipiente, ou recipientes estavam contaminados. Ninguém sai daqui. E isso aplica-se aos convidados e aos empregados. McNab, podes começar a anotar os nomes e moradas para as entrevistas. Por enquanto, mantém a família separada.

— Parece que teria sido uma festa dos diabos — comentou McNab enquanto saía.

— Tenente. Doutor Peter Vance. — Peabody trazia um homem de estatura média. Tinha cabelo curto e claro e uma barba curta da mesma cor. Quando o seu olhar se desviou de Eve para Walter Pettibone, Eve viu mágoa e fúria a endurecerem o seu olhar.

— Ele era um bom homem. — A voz dele estava contraída e tinha uma pronúncia vagamente britânica. — E um bom amigo.

— Alguém não era amigo dele — salientou Eve. — O senhor reconheceu que ele foi envenenado e instruiu os médi-técnicos para que notificassem a polícia.

— É verdade. Os sinais eram evidentes e perdemo-lo muito depressa. — Desviou os olhos do corpo e voltou a olhar para Eve. — Quero acreditar que foi um engano, um acidente terrível. Mas não foi. Ele tinha acabado de fazer um brinde sentimentalista, era mesmo coisa dele. Estava de pé com o braço em redor da mulher, com o filho, a filha, a nora e o genro ao seu lado. Tinha um sorriso nos lábios e lágrimas nos olhos. Aplaudimos, ele bebeu e a seguir engasgou-se. Caiu mesmo ali e começou com convulsões. Acabou tudo numa questão de minutos. Não havia nada que se pudesse fazer.

— Onde foi buscar a bebida?

— Não sei dizer. Os empregados iam passando com bandejas de taças de champanhe. Se quiséssemos outras bebidas, podíamos ir buscá-las aos bares montados pela sala. A maior parte de nós estava aqui desde as sete da noite. A Bambi andava agitada para que os convidados cá estivessem todos antes de Walter chegar a casa.

— Bambi?

— A mulher dele — respondeu Vance. — A segunda mulher. Estavam casados há mais ou menos um ano. Ela andava a planejar esta festa há semanas. Tenho a certeza que o Walter sabia. Ela não é o que se pode chamar de uma mulher muito inteligente. Mas ele fez de conta que ficou surpreso.

— A que horas chegou ele?

— Às sete e meia, em ponto. Todos gritámos surpresa, segundo as instruções de Bambi. Rimo-nos um pouco e depois começámos a comer e beber. Dançou-se também. O Walter começou a falar com as pessoas. O filho fez um brinde. — Vance suspirou. — Gostava de ter estado com mais atenção. Tenho a certeza que o Walt estava a beber champanhe.

— Viu-o beber nessa altura?

— Acho que... — Fechou os olhos como se quisesse regressar ao momento. — Parece-me que sim. Não o imagino a não beber depois de um brinde do filho. Walt adorava os filhos. Acho que quando fez o seu próprio pequeno brinde, tinha uma taça nova na mão e acho que estava cheia. Mas não consigo dizer com toda a certeza se a tirou de uma bandeja ou se alguém lha deu para a mão.

— Eram amigos?

A dor toldou-lhe novamente o rosto.

— Bons amigos, sim.

— Ele tinha problemas no casamento?

Vance abanou a cabeça.

— Era feliz. Para falar com franqueza, a maior parte de nós ficou um pouco espantado quando ele decidiu casar com a Bambi. Ele foi casado com a Shelly durante, sei lá? Mais de trinta anos, acho eu. O divórcio foi suficientemente amigável, tanto quanto um divórcio pode ser. E seis meses depois, já estava envolvido com a Bambi. Alguns de nós pensaram que era apenas uma tolice de meia-idade, mas ele acabou por ficar com ela.

— A primeira mulher estava presente na festa de hoje?

— Não. Também não eram assim tão amigos.

— Conhece alguém que o quisesse morto?

— Absolutamente ninguém. — Levantou as mãos num gesto impotente. — Sei que dizer que ele não tinha um único inimigo no mundo é um lugar-comum, Tenente Dallas, mas era exatamente o que diria do Walt. As pessoas gostavam dele e muitos adoravam-no até. Ele era um homem de natureza boa, um patrão generoso e um pai dedicado.

E um homem rico, pensou Eve, depois de dispensar o médico. Um homem rico que deixara a primeira mulher para a trocar por um modelo novo e mais sensual. Uma vez que as pessoas não costumavam trazer ciane-

to como presente para uma festa de anos, alguém tinha ido ali naquela noite com o único propósito de matar Pettibone.

Eve fez o interrogatório à segunda mulher da vítima numa sala de estar junto ao quarto dela.

A sala estava sombria, com pesados reposteiros cor-de-rosa por cima das janelas, de maneira que o único candeeiro às riscas fornecia uma luz cor de rebuçado.

Dela, Eve conseguia ver o quarto, cor-de-rosa e branco cheio de folhos. Era como o interior de um bolo recheado de açúcar, pensou. Havia montes de almofadas, carradas de bugigangas e pairava no ar um aroma demasiado pronunciado a rosas para um espaço só.

Por entre o esplendor juvenil, Bambi Pettibone estava recostada numa poltrona de cetim cor-de-rosa. O cabelo estava encaracolado, entrançado e tingido com o mesmo tom rosa carnavalesco que evidenciava o rosto de boneca. Estava vestida de cor-de-rosa também, com um vestido brilhante bastante decotado sobre um peito, deixando praticamente o outro à mostra, não fosse por uma rosa feita de um material transparente.

Os olhos azuis e bonitos brilhavam com as lágrimas que lhe caíam em pequenas e graciosas gotas pelo rosto suave. O rosto parecia jovem e inocente, mas o corpo contava uma história completamente diferente.

Tinha uma bola de pelo fofa no colo.

— Senhora Pettibone?

Ela soltou um som gutural e enterrou o rosto na bola de pelo branco. Quando a bola soltou também um latido rápido, Eve decidiu que seria provavelmente uma espécie qualquer de cão.

— Eu sou a Tenente Dallas, da Polícia de Nova Iorque. Esta é a minha assistente, Agente Peabody. Lamento imenso a sua perda.

— Boney está morto. O meu querido Boney.

Boney e Bambi, pensou Eve. Mas que raio se passava com aquela gente?

— Eu sei que é um momento difícil. — Eve olhou em redor e decidiu que não tinha alternativa senão sentar-se em qualquer coisa fofa e cor-de-rosa. — Mas preciso de lhe fazer algumas perguntas.

— Eu só queria fazer-lhe uma festa de aniversário. Veio toda a gente. Estávamos a divertir-nos tanto. Ele nem sequer abriu os presentes.

Chorou mais um pouco e a bola de pelo que estava no seu colo deitou fora a língua cor-de-rosa e começou a lambe-lhe o rosto.

— Senhora Pettibone... pode dar-me o seu nome verdadeiro para ficar registado?

— O meu nome é Bambi.

— A sério? Bem, deixe lá. A senhora estava ao lado do seu marido quando ele caiu.

— Ele estava a dizer coisas tão bonitas. Ele gostou mesmo da festa. — Fungou, olhando suplicantemente para Eve. — Já é qualquer coisa, não é? O facto de estar feliz quando aconteceu?

— Deu-lhe o champanhe para o brinde, Senhora Pettibone?

— O Boney adorava champanhe. — Seguiu-se um suspiro sentimental e meloso. — Era a bebida favorita dele. Tínhamos uma empresa para tratar do banquete. Eu queria que estivesse tudo no ponto. Disse ao Senhor Markie para se certificar de que os seus funcionários tinham sempre bandejas cheias de taças de champanhe. E canapés também. Esforcei-me mesmo muito para fazer a festa perfeita para o meu querido Boney. Depois ele ficou doente e aconteceu tudo muito depressa. Se eu soubesse que ele estava assim doente, não teríamos feito a festa. Mas hoje de manhã quando saiu estava ótimo. Estava mesmo bem.

— A senhora sabe o que aconteceu ao seu marido?

Ela abraçou o cão peludo, enterrando o rosto no pelo dele.

— Ele adoeceu. E o Peter não o conseguiu pôr bom.

— Senhora Pettibone, nós achamos que o principal responsável pela morte do seu marido foi o champanhe. Onde arranjou ele a taça por onde bebeu mesmo antes de cair no chão?

— De uma rapariga, acho eu. — Ela fungou e olhou para Eve com uma expressão confusa. — Por que motivo o champanhe o ia deixar doente? Nunca aconteceu antes.

— Que rapariga?

— Que rapariga? — repetiu Bambi, com uma expressão confusa no rosto.

Paciência, recordou-se Eve.

— A senhora falou de uma rapariga que deu o champanhe ao Senhor Pettibone para ele fazer o brinde.

— Oh, essa rapariga. Era uma das empregadas. — Bambi encolheu os ombros e encostou o nariz ao cão pequeno. — Ela trouxe outra taça ao Boney para ele fazer o brinde.

— Ele tirou a taça da bandeja?

— Não. — Ela comprimiu os lábios e fungou suavemente. — Não, recordo-me que ela lhe entregou a taça e lhe deu os parabéns. Disse-lhe: “Feliz aniversário, Senhor Pettibone”. Foi muito educada.

— Conhecia a rapariga? Já a contratou alguma vez?

— Eu contrato o Senhor Markie e ele é que traz os empregados. Pode deixar tudo nas mãos do Senhor Markie. Ele é magnífico.

— Qual era o aspeto dela?

— De quem?

Oh, Deus, dá-me força para não pregar um par de estalos a esta idiota.

— A empregada, Bambi. A empregada que deu o champanhe ao Boney para ele fazer o brinde.

— Oh. Não sei. Nunca ninguém repara nos empregados, pois não? — disse, brevemente confusa enquanto Eve a fitava. — Asseada — acrescentou pouco depois. — O Senhor Markie faz questão que o seu pessoal tenha bom aspeto.

— Era velha, nova, alta ou baixa?

— Não sei. Parecia uma das empregadas, mais nada. E na verdade, elas são todas iguais.

— O seu marido falou com ela?

— Agradeceu. O Boney também é um homem muito educado.

— Não pareceu reconhecê-la? À empregada — acrescentou Eve rapidamente quando a boca de Bambi começou a curvar-se para, sem dúvida perguntar “Quem?”

— Por que motivo havia de a reconhecer?

Ninguém conseguia fingir ser tão burro, pensou Eve. Tinha de ser genuíno.

— Muito bem. Sabe de alguém que quisesse mal ao seu marido?

— Toda a gente adorava o Boney. Era impossível não adorar.

— A senhora já adorava o Boney enquanto ele ainda era casado com a primeira mulher?

Os olhos dela arregalaram-se, ficando ainda mais redondos.

— Nós nunca, nunca enganámos ninguém. O Boney nem sequer me beijou antes de se divorciar. Ele era um cavalheiro.

— Como o conheceu?

— Eu trabalhava numa das suas lojas de flores. Aquela em Madison. Ele costumava ir lá, para ver os stocks e falar connosco. Para falar comigo — acrescentou com um sorriso trémulo. — Depois um dia ele apareceu mesmo quando eu estava a sair e ofereceu-se para me acompanhar até casa. Enquanto caminhávamos, ele deu-me o braço. Contou-me que estava a divorciar-se e queria saber se aceitava almoçar com ele um dia. Eu ainda pensei que podia ser só uma tentativa de engate, os homens dizem coisas daquelas, sabe, que estão a deixar a mulher, que ela não os faz feliz e esse tipo de coisas só para nos levarem para a cama. Eu não sou estúpida.

Pois não, pensou Eve, tu só redefiniste a palavra.

— Mas o Boney não era nada assim. Ele nunca tentou fazer nada atrevido comigo.

Suspirou e começou a esfregar o rosto no pelo do cão.

— Ele era romântico. Depois de se divorciar, começámos a namorar e

ele levou-me a lugares mesmo bonitos e também não tentou fazer nada de atrevido comigo nessas alturas. Até que fui eu quem tentou fazer qualquer coisa atrevida porque ele era tão querido e fofinho e bonito. E depois disso, ele pediu-me em casamento.

— A primeira mulher ficou ressentida?

— Provavelmente. Quem não se ressentiria de não ter o Boney como amor? Mas ela sempre foi muito simpática e o Boney nunca disse nada de mal dela.

— E os filhos?

— Bem, acho que inicialmente não gostavam muito de mim. Mas o Boney disse que eles iam acabar por me adorar porque ele me adorava. E nunca discutimos nem nada.

— Que grande família feliz — disse Eve depois de mais dez minutos com Bambi. — Toda a gente gosta de toda a gente e o Pettibone era um bom rapaz de verdade.

— A mulher é uma parola — disse Peabody.

— A parola que foi suficientemente esperta para deitar a unha a um marido rico. Podia ser suficientemente esperta para lhe pôr qualquer coisa no champanhe de aniversário. — Parou por instantes no cimo das escadas para deixar que várias possibilidades se desenrolassem na sua cabeça.

— Tinha de ser mesmo muito esperta e ter uns nervos de aço para conseguir fazer isto quando estava mesmo ao lado dele em frente a uma sala cheia de amigos e testemunhas. Vamos investigar um pouco do passado dela, para ver quanto deste açúcar todo é genuíno e quanto é a fingir. Qualquer pessoa que viva rodeada de tanto cor-de-rosa vai imediatamente para o cimo da minha curta lista.

— Eu achei que até era bonito, de um certo modo que diz “adoro ser rapariga”.

— Tu às vezes assustas-me, Peabody. Para começar, faz uma pesquisa normal sobre a vida dela. Bambi — acrescentou enquanto olhava para baixo. — Quem chama uma filha de Bambi já devia saber que ia ser uma parola quando fosse crescida. Agora vamos brincar com o Senhor Markie. Mas quem se lembra destes nomes de merda?

— Ele e os empregados estão na zona da cozinha.

— Ótimo. Vamos descobrir quem deu o champanhe a Pettibone e lhe desejou um feliz aniversário.

Quando atravessava o rés-do-chão em direção à cozinha, McNab apareceu a correr atrás dela.

— Dallas? O médico-legista está aqui. Ele concorda com os médi-téc-

nicos e o médico que estava presente em como o crime aparenta ter sido por envenenamento. Não pode dizer que é oficial até levar o morto para a chafarica dele e fazer alguns exames.

— Obrigada pelo relatório colorido, Detetive. Transmite ao ML que preciso da confirmação da causa de morte o mais depressa possível. Vai dar uma vista de olhos aos dispositivos da casa e examina as entradas e saídas para o caso de alguém ter sido desleixado.

— Vou já tratar disso. — Consegui dar uma palmada rápida no traseiro de Peabody antes de se ir embora.

— Ter os teus pais lá em casa deve impedir-te de andares a brincar aos médicos e aos enfermeiros com o McNab durante os próximos dias.

— Oh, os meus pais não vão ficar lá em casa. Disseram que era pequena de mais e que não queriam empatar-me. Não fui capaz de os convencer do contrário. Por isso, vão ficar na caravana. Ainda lhes disse que não deviam fazê-lo, por causa das leis da cidade e tudo mais. Mas eles limitaram-se a dar-me uma palmadinha na cabeça.

— Instala-os num hotel, Peabody, antes que algum agente os detenha.

— Assim que regressarmos, vou tratar disso.

Viraram para a cozinha. Era grande, toda de um branco ofuscante e prata brilhante. E naquele momento reinava o caos. Espalhada por cima das bancadas havia comida em todas as fases de preparação. Os pratos estavam empilhados, os copos dispostos em pirâmides. Eve contou oito empregados de uniforme, enfiados numa zona de refeição a conversarem com a energia nervosa que os locais do crime muitas vezes provocavam nas testemunhas.

Uma grande cafeteira de café estava a ser usada por empregados e polícias. Um dos agentes servia-se de um tabuleiro de canapés e outro já começara a atacar o carro das sobremesas.

Bastou a presença de Eve para que a cozinha ficasse em silêncio e sossegada.

— Agentes, se conseguirem afastar-se do farto buffet, assumam os vossos postos no exterior de ambas as portas da cozinha. Uma vez que a causa de morte ainda não foi identificada, recordo-vos de que estão a enfardar provas. Se for necessário, mando abrir-vos a pança aos dois para retirar as provas.

— Não há nada de errado com a minha comida. — Um homem avançou e os dois agentes foram-se embora. Era um homem baixo, simples, com uma pele cor de azeitona. A cabeça era rapada e brilhava como uma massa de gelo flutuante. Usava um avental branco de talhante sobre um fato preto formal.

— Deve ser o Markie?

— *Senhor* Markie — disse ele com uma dignidade fria. — Exijo saber

o que está a acontecer. Ninguém nos diz nada, apenas que temos de ficar aqui. Se é você que manda...

— Sim, sou eu que mando, Tenente Dallas, e o que se passa é que Walter Pettibone morreu. Agora estou aqui para tentar descobrir como e porquê.

— Bem, Tenente Dallas, posso dizer-lhe que o Senhor Pettibone não faleceu por causa de nenhum dos meus pratos. Não quero que se espalhem por aí rumores a respeito da minha comida e da minha empresa. A minha reputação é irrepreensível.

— Aguenta os cavalos, Markie. Ninguém o está a acusar de nada. — Eve levantou a mão antes que ele pudesse falar e dirigiu a sua atenção para os empregados. — Quem de vocês serviu o champanhe antes de o Senhor Pettibone fazer o brinde?

— Não foi nenhum de nós. Estávamos mesmo a falar disso.

Eve observou a atraente mulher asiática.

— E você é?

— Sing-Yu. Estava na zona de estar quando aconteceu. Mas estava na outra extremidade a servir champanhe para que os convidados pudessem acompanhar o brinde do Senhor Pettibone. E o Charlie — bateu no ombro do homem negro e magro ao seu lado — estava a servir os bolos de caranguejo.

— Eu estava a servir no bar do terraço. — Outro empregado levantou a mão. — Robert McLean. E a Laurie estava a servir os convidados na varanda. Não saímos dos nossos postos até ouvirmos toda a gente a gritar.

— Eu estava na cozinha — disse outro homem. — Eu sou, hmm, Don Clump. Lembra-se, Senhor Markie? Estávamos aqui juntos quando ouvimos a confusão.

— É correto — disse Markie, acenando com a cabeça. — Tinha acabado de mandar o Charlie com os bolos de caranguejo e estava a instruir o Don para levar os cogumelos recheados. A Gwen estava a entrar com as bandejas vazias quando ouvimos gritar.

— Tenho uma testemunha que afirma que foi uma empregada quem deu a taça de champanhe ao Senhor Pettibone mesmo antes de ele fazer o brinde.

Os olhares viajaram, e caíram.

— Tinha de ser a Julie. — Sing-Yu voltou a falar. — Desculpe, Senhor Markie, mas só ela o podia ter feito e é a única que não está aqui.

— Quem é a Julie e por que motivo não está aqui? — quis saber Eve.

— Não gosto que os meus empregados andem a coscuvilhar uns sobre os outros — começou por dizer Markie.

— Isto é uma investigação policial. Os depoimentos das testemunhas

não são coscuvilhices e espero que o senhor e o seu pessoal colaborem. Quem é a Julie? — perguntou Eve, virando-se para Sing-Yu.

— Ela está absolutamente certa. — Markie soltou um longo suspiro, depois foi dar uma palmadinha no ombro de Sing-Yu. — Desculpa, minha querida, não estou zangado contigo. Julie Dockport — disse para Eve. — Há dois meses que trabalha para a minha empresa. Quanto ao seu paradeiro, não sei dizer. Deve ter saído no meio da confusão que se gerou a seguir ao colapso do Senhor Pettibone. Demorei alguns minutos a aperceber-me de que havia um problema e a ir da cozinha até à sala de estar. Não a vi. Quando a polícia chegou e nos disse para irmos para aqui e aqui ficarmos, ela não veio connosco.

— Está a usar o mesmo uniforme que os restantes? — Eve acenou em direção às calças justas pretas e camisas brancas e engomadas do pessoal.

— Sim.

— Descreva-a.

— Constituição média, acho eu, mais para o atlético. Cabelo ruivo, atraente. Tem cerca de trinta anos, mais coisa menos coisa. Para ser mais preciso teria de consultar os ficheiros que mantenho dos meus empregados.

— Peabody, leva o pessoal para outra zona. Deixa um agente com eles e depois vai procurar a Julie Dockport.

— Sim, chefe.

Quando eles saíram, Eve sentou-se e gesticulou para Markie.

— Agora, conte-me tudo o que sabe sobre essa mulher.

Não era muita coisa. Ouviu palavras como competente, de confiança, co-operante.

— Ela candidatou-se ao emprego — continuou Markie. — As suas referências eram boas. Tem sido uma excelente empregada. Posso apenas presumir que tenha ficado perturbada e assustada com o que aconteceu aqui hoje e que se tenha ido embora.

Ambos levantaram os olhos quando Peabody entrou na cozinha.

— Não a consigo localizar na propriedade, Tenente.

— Faz uma pesquisa, arranja a morada dela. Quero que a vão buscar. — Levantou-se. — Pode ir.

— Eu e a minha equipa vamos guardar a comida.

— Não, não vão. Este é o local do crime. Por enquanto fica exatamente como está. Quando puder vir limpar a casa, nós contactamo-lo.

...

A seguir falou com o filho e a filha. Estavam encostados aos respectivos cônjuges numa das extremidades da mesa da sala de jantar formal. Quatro pares de olhos vermelhos e inchados de chorar viraram-se para Eve.

O homem que se levantou, mantendo uma mão apoiada na mesa, tinha a pele clara e o cabelo de um tom louro monótono e denso, cortado curto a direito. Tinha um queixo suave e lábios que quase desapareciam quando comprimidos numa linha sombria.

— O que está a acontecer? Quem é você? Precisamos de respostas.

— Wally. — A mulher ao lado dele também era loura, mas o seu cabelo era mais claro e levantado. — Assim só vais piorar as coisas.

— Como podem as coisas piorar? — perguntou ele. — O meu pai está morto.

— Eu sou a Tenente Dallas. Lamento muito a vossa perda e peço desculpa por demorar tanto tempo a vir falar convosco, Senhor Pettibone.

— Walter C. Pettibone IV — apresentou-se. — Esta é a minha mulher, Nadine. — Virou a sua mão por baixo da que a mulher pousara sobre a sua, apertando-a com força. — A minha irmã, Sherilyn e o seu marido, Noel Walker. Por que motivo estamos a ser mantidos aqui desta forma? Precisamos de estar com o meu pai.

— Neste momento isso não é possível, Senhor Pettibone. Há coisas que precisamos de fazer antes de podermos responder às vossas perguntas. Sente-se, Senhor Pettibone.

— O que aconteceu ao meu pai? — Foi Sherilyn quem falou. Era uma morena pequena e Eve pensou que devia ser espantosamente bonita, noutras circunstâncias. Agora, o rosto estava desfigurado pelo choro. — Pode dizer-nos simplesmente, por favor? — Estendeu as mãos, segurando na mão livre do irmão e na do marido, unindo todo o grupo. — O que aconteceu ao papá?

— A causa da morte ainda não foi confirmada.

— Eu ouvi os médi-técnicos. — Inspirou longa e profundamente e a sua voz fortaleceu-se. — Eu ouvi-os dizer que ele foi envenenado. Isso não pode ser verdade.

— Saberemos muito em breve. Ajudaria bastante se pudessem dizer-me o que cada um de vocês estava a fazer, onde estavam, quando o Senhor Pettibone desfaleceu.

— Nós estávamos mesmo ali, mesmo ao lado dele — começou Sherilyn. — Estávamos todos ali de pé...

— Sherry. — Noel Walker levou as mãos unidas de ambos até aos lábios. Era um gesto que Roarke fazia muitas vezes, reparou Eve. Um gesto de conforto, de amor e solidariedade.

Ele virou a sua atenção para Eve. O cabelo era escuro como o da mulher, e emoldurava um rosto forte e bonito.

— O Walt estava a fazer um brinde. Sentimental e afetuoso. Ele era um homem sentimental e afetuoso. A Bambi estava mesmo ao lado dele. A Sherry estava ao lado dela e eu ao lado da Sherry. Wally estava à esquerda de Walt, com Nadine ao seu lado. Quando ele acabou de fazer o brinde, bebeu um gole de champanhe. Todos bebemos. Depois ele começou a engasgar-se. Acho que Wally lhe deu umas palmadinhas nas costas, como se faz a quem se engasga. Quando ele cambaleou, a Bambi agarrou-o. Ele puxou o colarinho da camisa, como se estivesse demasiado apertado, e caiu para a frente.

A seguir olhou para Wally, como se pedisse a sua confirmação.

— Ele estava a arquejar — continuou Wally. — Virámo-lo de costas. O Peter Vance, que é médico, abriu caminho entre a multidão que se acumulava à volta dele. E depois o meu pai teve uma espécie de convulsão. O Peter disse que tínhamos de chamar os médi-técnicos. A Nadine correu para o fazer.

— Ele conseguiu falar com algum de vocês?

— Não disse nada — respondeu Sherilyn. — Olhou para mim. — A voz quebrou-se novamente. — Olhou mesmo para mim antes de cair. Estava toda a gente a falar ao mesmo tempo. Aconteceu tudo tão depressa, que não houve tempo para dizer nada.

— Onde arranjou ele a taça de champanhe?

— Numa bandeja, presumo — disse Wally. — Os criados andavam a circular com bandejas de taças de champanhe desde que os convidados começaram a chegar, às sete da tarde.

— Não. — Sherilyn abanou a cabeça lentamente. — Não, foi uma das empregadas que lhe deu a taça. Ela não trazia bandeja nenhuma, apenas uma taça. Pegou na que estava quase vazia e deu-lhe uma cheia. E desejou-lhe feliz aniversário.

— Pois foi — confirmou o marido. — Uma ruiva baixinha. Eu reparei nela. Tinha uns olhos verdes deslumbrantes. Eu sou pintor — explicou ele. — Pinto principalmente retratos. Tenho tendência para reparar nos rostos e ver o que os torna únicos.

— O que fez ela depois de lhe dar a taça?

— Ela, hmm, deixe ver. O Walt pediu a atenção de todos. Naquela altura a maior parte dos convidados encontrava-se na sala de estar. As conversas acalmaram quando ele começou a falar. Ela recuou. Estava a ouvi-lo, como todos nós. E a sorrir, acho eu. Sim, lembro-me de pensar como ela tinha bom aspeto e como parecia interessar-se pelo que Walt estava a dizer. Acho que quando Walt acabou o brinde, eu sorri à rapariga, mas ela estava

a observá-lo. Depois todos bebemos champanhe e não voltei a reparar nela quando o Walt começou a sufocar.

— Eu acho que a vi — disse Nadine, levando a mão ao comprido colar de pérolas com três voltas que usava ao pescoço. — Quando corri para ir buscar ajuda, encontrei-a no átrio.

— O que estava ela a fazer? — perguntou Eve.

— Acho que, bem, devia estar a sair. Estava a afastar-se em direção à porta.

— Nenhum de vocês a tinha visto antes desta noite? — Quando olharam uns para os outros, com acenos de cabeça um pouco atordoados, Eve continuou. — O nome Julie Dockport diz-vos alguma coisa? Talvez o vosso pai o tivesse mencionado.

— Nunca o ouvi falar nesse nome. — Wally olhou em redor, enquanto o resto da família abanava mais uma vez a cabeça.

— Sabem se ele andava preocupado com alguém, ou alguma coisa? Um negócio, um problema pessoal.

— Ele era feliz — disse Sherilyn calmamente. — Ele era um homem feliz.

— Um homem feliz — disse Eve, depois de dispensar a família, — amado por todos, não acaba envenenado na sua própria festa de aniversário. Há qualquer coisa por baixo desta imagem bonita, Peabody.

— Pois há, chefe. Os agentes que foram à morada que a Dockport deu disseram que ela não estava lá. A vizinha do outro lado do corredor disse que ela se mudou hoje de manhã. Disse que ia viver para Philly.

— Quero uma equipa de verificação, já. Quero o apartamento passado a pente fino. É provável que não encontrem nada, mas quero isso feito.

— Chefe?

— Parece que temos uma profissional entre mãos.

Embora já passasse da uma da manhã quando chegou a casa, Eve não ficou surpreendida por ver que Roarke ainda estava no seu escritório. Era raro ele dormir mais de cinco horas por dia. Mais raro ainda não esperar que ela chegasse a casa.

Sabia que o trabalho o alimentava, mais do que as quantidades obscenas de dinheiro que ganhava de cada vez que fazia um negócio; era a própria fase de negociação — traçar o plano, a estratégia, os ajustes — que concentrava o seu interesse e energias.

Ele comprava porque as coisas existiam para serem compradas. Embora Eve pensasse muitas vezes nas empresas, nas propriedades, nas fábricas e nos hotéis que Roarke adquiria como os seus brinquedos, sabia que ele era um homem que encarava os brinquedos com muita, muita seriedade.

Desde que estavam juntos, ele tinha alargado bastante os horizontes de Eve. Viagens, cultura, sociedade. Não sabia como, mas ele conseguia arranjar sempre tempo para tudo e mais alguma coisa. O dinheiro não significava nada para ele, pensava Eve, a não ser que fosse bem aproveitado.

O homem que comandava um império empresarial com um alcance que ultrapassava qualquer razão, estava sentado à secretária à uma e um quarto da manhã, com um brandy junto ao braço, um gato gordo a ronronar no colo e as mangas arregaçadas enquanto trabalhava ao computador como o mais básico dos empregados de escritório.

E Eve achava que ele estava a gostar.

— Estás no meio de alguma coisa importante ou estás a brincar?

Ele olhou para cima.

— Um bocadinho de cada. Gravar dados e arquivar — ordenou ao computador e depois recostou-se. — Os meios de comunicação social já sabem do teu homicídio. Lamento saber que é o Walter Pettibone.

— Conhecia-lo?

— Não muito bem. Mas o suficiente para apreciar o seu sentido empresarial e saber que era um homem agradável.

— Pois, toda a gente adorava o bom e velho Walt.

— As notícias davam conta de que morreu na sua casa durante a festa dos seus sessenta anos; festa para a qual fomos convidados — acrescentou. — Mas como não sabia quando chegávamos de férias e com que dispo-

sição, recusei o convite. Não falaram de assassinato, apenas que a polícia estava a investigar o caso.

— Os abutres dos meios de comunicação ainda não têm os relatórios oficiais do médico-legista. Eu acabei de os receber agora mesmo. É homicídio. Alguém lhe deitou cianeto na bebida. O que sabes da ex-mulher dele?

— Pouca coisa. Julgo que foram casados uma série de anos e que se divorciaram sem escândalo. Ele casou com uma rapariga mais jovem e bonita pouco tempo depois. Ainda houve quem abanasse a cabeça por isso, mas os boatos acabaram por morrer rapidamente. Walter não era o tipo de homem que alimentava boatos. Não era suficientemente sumarento.

Eve sentou-se, estendendo as pernas. Quando tentou fazer uma festa a *Galahad*, o gato fez um rosnado baixo na garganta. Atirando com um olhar felino a Eve, abanou o rabo, saltou para o chão e foi-se embora.

— Ele está aborrecido por não o termos levado de férias — disse Roarke, abafando um sorriso quando Eve franziu o sobrolho ao gato. — Nós os dois já fizemos as pazes, mas parece que ainda está ressentido contigo.

— Fedelho mimado.

— Chamar-lhe nomes não é maneira de consertar o estrago. Tenta atum fresco. Faz maravilhas.

— Eu não vou subornar um maldito gato. — Eve levantou a voz, certa de que o interessado ainda estava ao alcance de a ouvir. — Se ele não quer que lhe toque, por mim tudo bem. Se quer ficar danado por... — A voz desvaneceu-se quando se apercebeu do que estava a dizer. — Jesus. Onde é que eu ia? Pettibone. Sumarento. Bem, ele tinha sumo suficiente para alguém querer vê-lo morto. E pelos contornos que isto está a tomar, foi alguém profissional.

— Um assassino profissional para matar Walter Pettibone? — Roarke ergueu uma sobrancelha. — Não me parece muito condizente com ele.

— Uma mulher arranjou emprego na empresa de catering na mesma altura em que a mulher dele estava a organizar a grande festa surpresa de aniversário. A mesma mulher trabalhou na festa do Pettibone e levou ao aniversariante a taça de champanhe fatal. Entregou-lha pessoalmente, desejou-lhe feliz aniversário. Recuou, mas ficou por ali enquanto ele fazia o brinde e bebia. Quando estava em espasmos no chão, ela saiu do apartamento e *puff!* Desapareceu.

Franziu um pouco o sobrolho quando Roarke se levantou, lhe serviu um copo de vinho e a seguir se sentou no braço da poltrona dela.

— Obrigada. Já mandei uma equipa de verificação passar revista à casa dela, um apartamento que alugou dois dias antes de arranjar o emprego e de onde se mudou hoje de manhã. Um apartamento onde, segundo os vizinhos, não passava muito tempo. Não há imagens, não há pro-

vas. Não há um único fio de cabelo perdido. Ela limpou tudo. Eu própria fui lá. Uma casa pequenina só com uma divisão, renda baixa, segurança mínima. Mas ela tinha instalado fechaduras suficientes para evitar que alguém lá entrasse.

— Estás a investigar a... como é que ela se chama? Muffy? Twinkie?

— Bambi. Ao que parece, tem a capacidade mental de um brócolo, mas vamos investigá-la à mesma. Aparenta ser genuinamente parola, só que agora é uma viúva muito rica e parola. Talvez tenha sido a ex-mulher que esteve adormecida. Fez de boazinha enquanto planeava as coisas. Quando se está casada com um tipo durante trinta anos, isso é um investimento sério. Uma pessoa fica irritada quando ela a troca por outra.

— Vou tentar não me esquecer disso.

— Eu cá não contrato assassinos. — Olhou para cima, para o rosto delicioso dele. — Dedicava-te a cortesia básica de te matar com as minhas próprias mãos.

— Obrigada, querida. — Ele curvou-se para lhe dar um beijo na cabeça. — É reconfortante saber que te dedicarias pessoalmente à questão.

— Vou investigar a primeira Senhora Pettibone de manhã. Se foi ela que contratou o assassino, será a minha melhor ligação a esta tal Julie Dockport.

— Interessante. Uma assassina profissional que escolhe como sobrenome o nome de uma prisão.

Eve parou com o copo junto aos lábios.

— O quê?

— O Centro de Reabilitação Dockport. Segundo julgo, tive um conhecido que passou lá algum tempo — respondeu Roarke, enquanto brincava com as pontas do cabelo dela. — Acho que é em Illinois, ou talvez no Indiana. Num desses Estados do Midwest.

— Espera um segundo, espera um segundo. — Eve levantou-se. — Dockport. Veneno. Espera, espera — comprimiu as têmporas com os dedos, procurando a informação. — Julie. Não, não era Julie. Julianna. Julianna Dunne. Há oito ou nove anos. Logo depois de receber o meu escudo dourado. Envenenou o marido. Era um grande angariador de fundos do Met. Fui eu quem trabalhou no caso. Ela era esquiva e muito habilidosa. Já o tinha feito antes. Duas vezes. Uma vez em East Washington e a outra em Chicago. Foi assim que a apanhámos, por causa do de Chicago. Eu trabalhei com a Polícia de Chicago. Ela tinha casado com um tipo rico, depois matou-o, ficou com o dinheiro e foi para outro sítio, onde se reinventou para o alvo seguinte.

Distraída, abanou a cabeça e continuou a caminhar de um lado para o outro.

— Eu fiz parte da investigação. Não a consegui quebrar no interrogatório, nunca consegui uma confissão, mas tínhamos provas suficientes para a acusação e para a condenação. Uma grande parte teve a ver com as avaliações psicológicas. Os resultados diziam que ela tinha perturbações. Perturbações fortes. Odiava os homens. E o júri não gostou dela. Era demasiado convencida, demasiado fria. Juntaram três maridos mortos e quase meio milhão de dólares e condenaram-na de dez a vinte anos de prisão. Foi o melhor que conseguimos fazer e mesmo assim tivemos sorte.

— Três homicídios e só levou de dez a vinte anos?

Estava tudo a regressar à cabeça de Eve, um fluxo regular de informações.

— East Washington não a conseguiu apanhar. O que tínhamos lá enquadrava-se no padrão. Os advogados tentaram fazer com que as outras acusações fossem excluídas e com a grande maioria de provas circunstanciais, nós tivemos de engolir o sapo. Teve pena reduzida por capacidades psicológicas reduzidas. Uma infância traumática, blá, blá, blá. Usou o dinheiro do primeiro marido, a parte que podia usar legalmente, para fazer um acordo, pagar o julgamento e os recursos. Ficou danada. O julgamento foi em Chicago e eu estive lá para ouvir o veredito. Certifiquei-me de que estaria presente. Depois ela pediu para falar comigo.

Encostou-se na secretária dele e, embora olhasse para Roarke, ele sabia que ela estava dez anos no passado, a olhar para Julianna Dunne.

— Disse-me que sabia que era eu a responsável pela prisão dela, pela sua condenação. Os outros polícias... espera um segundo — murmurou enquanto recuava no tempo para ouvir a voz de Julianna. — Os outros polícias eram só homens e ela nunca tinha perdido uma batalha para um homem. Respeitava-me, de mulher para mulher, e entendia que eu achava que estava a fazer o meu trabalho. Mas por outro lado, também ela. Tinha a certeza que eu ia acabar por perceber isso. E que voltaríamos a falar quando isso acontecesse.

— O que lhe respondeste?

— Que se a decisão fosse minha, ela seria acusada dos três homicídios e nunca mais veria a luz do dia. Que se a responsável pela prisão dela era eu, então ainda bem para mim, mas se eu fosse o juiz, ela ia servir três penas perpétuas consecutivas. Esperava que ela acabasse por perceber isso, porque não tínhamos nada para falar uma com a outra.

— Clara, concisa e incisiva, mesmo com o distintivo dourado novo.

— Pois, acho que sim. Ela não gostou do que eu disse, nem um bocadinho, mas riu-se e disse que a próxima vez que nos encontrássemos eu ia olhar para as coisas com maior clareza. E ficámos por ali. O dono da empresa de catering vai enviar-me os registos de emprego dela amanhã de ma-

nhã. Não quero esperar tanto tempo. Consegues aceder-lhes, arranjar-me a fotografia e os dados dela?

— Quem é o dono da empresa?

— O Senhor Markie.

— Uma excelente escolha. — Roarke levantou-se e foi até ao lado de lá da secretária.

— Posso usar esta unidade aqui?

— Estás à vontade. — Ele sentou-se e dedicou-se ao trabalho.

Enquanto Roarke trabalhava, Eve pediu os dados de Julianna Dunne. Passou os olhos pelo texto que apareceu no ecrã de parede, ouviu distraidamente a informação transmitida e observou a fotografia do seu documento de identificação mais recente.

Na altura ainda usava o cabelo comprido, longo e delicadamente dourado para condizer com o rosto e feições clássicas. Olhos azuis grandes, pestanas grossas, emoldurados por sobrancelhas arqueadas castanhas, apenas um pouco mais escuras que o cabelo. A boca era suave, um pouco cheia, o nariz direito e perfeito. Não obstante quase uma década passada na prisão, a sua pele tinha um aspeto suave e cremoso.

Eve percebeu que ela parecia uma daquelas raparigas elegantes dos filmes antigos de que Roarke tanto gostava.

LIBERTADA DO CENTRO DE REABILITAÇÃO DOCKPORT,
NO DIA DEZASSETE DE FEVEREIRO DE 2059. CUMPRIU OITO
ANOS E SETE MESES DE PENA. A PENA FOI REDUZIDA POR
BOM COMPORTAMENTO. A DETIDA CUMPRE OS REQUISITOS
DE REABILITAÇÃO. CUMPRIU OS EXAMES OBRIGATÓRIOS DE
SESSENTA DIAS, ASSINADO NO DIA DEZOITO DE ABRIL PELO
AGENTE DE LIBERDADE CONDICIONAL/CONSELHEIRO DE
REABILITAÇÃO, OTTO SHULTZ, CHICAGO, SEM RESTRIÇÕES.
MORADA ATUAL, TERCEIRA AVENIDA, NÚMERO 29,
APARTAMENTO 605, CIDADE DE NOVA IORQUE,
ESTADO DE NOVA IORQUE.

— Agora já não vive lá — comentou Eve.

— Os teus dados, Tenente — disse Roarke, enquanto os enviava para a outra parede de ecrãs.

Eve observou as imagens de Julianna lado a lado.

— Cortou o cabelo, pintou-o de vermelho e mudou a cor dos olhos. Não se deu ao trabalho de fazer muito mais. O que condiz com o velho padrão. Deu a morada correta, embora temporária. A Julianna deixava tudo preto no branco. Mas o que tinha ela a ver com Walter Pettibone?

— Achas que se tornou profissional?

— Ela gosta de dinheiro — matutou Eve. — Não sei, alimenta-lhe uma necessidade qualquer. A mesma necessidade que matar homens alimenta. Mas não se enquadra no seu antigo padrão. O que importa é que está de volta e matou o Pettibone. Tenho de atualizar os dados.

— Já pensaste que ela voltou para aqui, matou aqui, só por tua causa? Eve expirou rapidamente.

— Talvez. Isso queria dizer que lhe causei uma impressão dos diabos há tantos anos.

— Tu tens essa tendência, causar grandes impressões.

Uma vez que não conseguia pensar numa resposta para ele, tirou o comunicador e pediu a ficha atualizada de Julianna Dunne.

— Se ela seguir o velho padrão, já não está na cidade. Mas apanhámo-la uma vez, vamos apanhá-la novamente. Vou precisar de chamar o Feeney. Éramos parceiros quando a Julianna foi presa.

— Como gosto do Feeney, espero que não estejas a planear ligar-lhe antes de amanhã de manhã.

— Pois — disse Eve, olhando para a unidade de pulso. — Não vale a pena fazer mais nada hoje.

— Olha que não sei. — Ele voltou a contornar a secretária e abraçou-a. — Eu cá consigo pensar numa coisa.

— Normalmente consegues.

— Porque não vais para a cama e eu já te dispo? Depois vemos se também consegues pensar na mesma coisa que eu.

— Parece-me uma ideia razoável. — Começou a caminhar com ele. — Nem te perguntei: como é que correu o resto do serão com os Peabody?

— Hmm. Lindamente.

— Foi o que eu pensei. Tens mais jeito do que eu para lidar com estranhos. Escuta, eles vão ficar alojados naquela caravana em que viajam e não é lá muito boa ideia. Pensei que como tens hotéis e mais não sei o quê, podias arranjar-lhes um bom desconto num quarto.

— Não vai ser necessário.

— Pois, está bem, mas se eles estacionarem aquela coisa na rua ou em algum parque, aposto que ainda aparece um polícia para os multar e quem sabe deter. Não vão ficar na casa da Peabody porque é muito pequena. Tens de ter um quarto de hotel ou um apartamento vazio algures que eles possam usar.

— Imagino que sim, mas... — À porta do quarto, Roarke puxou-a para dentro, na direção da cama. — Eve.

Ela começou a ficar com um mau pressentimento.

— O que foi?

— Amas-me?

Um pressentimento muito mau.

— Talvez.

Ele baixou a boca na direção da dela, beijando-a suave e profundamente.

— Diz que sim.

— Não digo que sim até saber porque estás a fazer-me a pergunta.

— Talvez esteja a sentir-me inseguro, carente e a precisar de confiança.

— Morde aqui a ver se eu deixo.

— Sim, quero morder-te em todo o lado, mas antes temos de falar do teu gigantesco, generoso e incondicional amor por mim.

Ela deixou-o tirar-lhe o arnês da arma, viu-o colocá-lo bem longe do seu alcance antes de se virar e lhe desaperçar os botões da camisa.

— Quem é que falou em incondicional? Não me lembro de ter assinado essa cláusula no acordo.

— O que se passa com o teu corpo que me fascina constantemente? — Ele passou levemente com os dedos sobre os seios dela. — É tudo tão suave e tão firme ao mesmo tempo.

— Estás a empatar. E tu nunca empatas. — Agarrou-lhe nos pulsos antes que ele conseguisse distraí-la. — Tu fizeste alguma coisa. O que fizeste...? — Subitamente, percebeu tudo e ficou de queixo caído, quase até aos pés. — Oh, meu Deus.

— Não sei exatamente como aconteceu. Realmente não sei dizer como se processaram as coisas de maneira a que os pais da Peabody estejam agora aninhados num dos quartos de visitas do terceiro andar. Ala leste.

— Aqui? Eles vão ficar aqui? Convidaste-os para ficarem cá em casa? Conosco?

— Não sei bem.

— O que queres dizer com isso, não sabes bem? Convidaste-os ou não?

— Não vale a pena discutirmos agora. — Roarke sabia bem que devia passar para o ataque quando a defesa estava a enfraquecer. — Afinal de contas, quem os convidou para jantar foste tu.

— Para jantar — sibilou ela, como se eles a pudessem ouvir na ala leste da casa. — Uma refeição não vem com dormida incluída. Roarke, eles são os pais da Peabody. Que diabo vamos fazer com eles cá em casa?

— Também não sei. — Os olhos dele tinham uma centelha de humor e Roarke sentou-se a rir. — Eu não sou um alvo fácil, sabes disso. E juro-te que nem mesmo agora tenho a certeza de como ela o conseguiu, embora o tenha conseguido sem dúvida. Como a Phoebe queria conhecer a casa, no fim do jantar fui mostrar-lhes alguns espaços. Ela foi dizendo como devia ser agradável ter tantas divisões e tão agradáveis, como pareciam confortáveis e caseiras apesar do tamanho e espaço da casa. E quando estávamos na

ala leste, num dos quartos de visitas, ela foi até à janela e começou a dizer que tinha uma linda vista do jardim. E olha lá, Sam, não tem uma vista tão linda para o jardim e por aí fora. Disse-me que tinha saudades das suas flores. E eu disse qualquer coisa como ela seria bem-vinda para passear pelos jardins se quisesse.

— E como passaste de um passeio pelos jardins até eles ficarem a dormir no quarto de visitas?

— Ela olhou para mim.

— E?

— E olhou para mim — repetiu ele com uma espécie de fascínio espantado. — É muito difícil explicar o que aconteceu daí para a frente. Ela disse como era reconfortante para ela e Sam saber que a Delia tinha amigos tão bons, almas tão generosas e coisas do estilo. E quanto significava para eles terem este tempo para conhecer os amigos dela. Quando dei por mim, já estava a tratar de lhes ir buscar as coisas e ela estava a dar-me um beijo de boa-noite.

— A Peabody bem disse que ela era poderosa.

— Estou a dizer-te, a mulher tem alguma coisa. Não que eu me importe, a casa é grande e gosto bastante dos dois. Mas, por amor de Deus, eu costumo saber o que vou dizer antes que me saia a voar da boca.

Já divertida, Eve sentou-se em cima dele e prendeu os braços por trás do pescoço de Roarke.

— Ela fez-te um enguiço. Que pena que perdi o espetáculo.

— Estás a ver? Tu amas-me.

— Provavelmente.

Eve estava a sorrir quando o deixou derrubá-la para cima da cama.

De manhã, Eve fez um treino de trinta minutos no ginásio de casa e acabou com algumas braçadas na piscina. Quando tinha tempo, era uma rotina que invariavelmente a ajudava a clarear as ideias e que a deixava cheia de energia. Quando estava a completar a décima piscina, começou a delinear os passos seguintes no caso Pettibone.

A prioridade era localizar Julianna Dunne e isso significava percorrer velhos processos, observar atentamente os padrões, os seus associados, rotinas e hábitos. Significava provavelmente uma viagem a Dockport para interrogar outras reclusas ou guardas com quem Julianna tivesse criado relações.

Se a memória não lhe falhava, ela era bastante boa a isolar-se.

A prioridade seguinte era o motivo. Quem queria Pettibone morto? Quem beneficiava com isso? A mulher, os filhos. Possivelmente um empresário concorrente.

Uma mulher com o aspeto da Bambi devia ter tido outros homens na vida. Valia a pena investigar. Talvez um antigo amante, ciumento. Ou um plano a longo termo para conseguir conquistar o velho rico, defraudá-lo e eliminá-lo.

Depois havia a ex-mulher que podia ter ganho a satisfação de se vingar dele por a ter deixado.

Podia ser que Pettibone não fosse o santo que toda a gente dizia que era. Podia ter conhecido Julianna. Podia ter sido um dos seus potenciais alvos há uma década, alguém que ela seduziu num caso amoroso. Ou podia ter pesquisado sobre ele quando esteve presa, para a seguir brincar com ele depois de sair em liberdade.

Aquela possibilidade estava no cimo da lista, mas ainda era cedo para descartar qualquer teoria.

Para conhecer o assassino, é preciso conhecer a vítima, pensou. Desta vez, conhecia o assassino, mas para conhecer o motivo, tinha de saber mais sobre Pettibone. E voltar a encontrar-se com Julianna Dunne.

Depois de vinte piscinas, sentindo-se solta e ágil, puxou o cabelo para trás e colocou-se de pé na parte baixa da piscina. Quando começava a sair da piscina, viu um movimento por entre as plantas. Levantou a cabeça rapidamente, com o corpo preparado.

— Bem, se isso é o que os mauzões veem antes de os deter, admira-me que não caiam de joelhos a implorar por misericórdia.

Phoebe deu um passo em frente, com uma toalha na mão.

— Desculpe — acrescentou. — Sei que não me ouviu chegar. Fiquei enfeitiçada a olhar para si. Nada como um peixe, no melhor sentido da expressão.

Porque também estava tão nua como um peixe, Eve pegou rapidamente na toalha e enrolou-se nela.

— Obrigada.

— Roarke disse que devia estar aqui. Trouxe-lhe um pouco de café. — Levantou uma gigantesca chávena da mesa. — E um dos maravilhosos croissants do Sam. Queria ter oportunidade para lhe agradecer pela sua hospitalidade.

— Não há problema. Vocês, hmm, estão bem instalados?

— Seria difícil não estar, nesta casa. Tem um minuto, ou está com pressa?

— Bem, eu...

— O croissant é fresco. — Estendeu o prato, suficientemente perto dela para que o aroma a hipnotizasse. — O Sam conseguiu encantar o Summerset para ele o deixar usar a cozinha.

— Posso demorar um minuto. — Uma vez que vestir o roupão signifi-

caria tirar a toalha, sentou-se conforme estava. E como Phoebe a observava, partiu um canto do croissant.

— É ótimo. — Tirou imediatamente mais um pedaço. — É mesmo bom.

— O Sam é um cozinheiro brilhante. Eve, posso tratá-la por Eve? Sei que a maior parte das pessoas não o faz.

Talvez fosse aquele olhar fixo, o tom de voz ou uma combinação dos dois, mas Eve deu por si a querer contorcer-se na cadeira.

— Claro, está bem.

— Eu faço-a sentir-se desconfortável. Quem me dera não fazer.

— Não, eu... — E contorceu-se mesmo. — Eu é que não tenho muito jeito com as pessoas.

— Não acho que isso seja verdade. É muito boa com a Delia. Excepcionalmente boa. E não me diga que é apenas por causa do trabalho, porque sei que não é. — Phoebe pegou numa chávena de chá, observando Eve enquanto bebia. — Houve uma mudança neste ano que passou. Ela transformou-se numa pessoa crescida. A Dee sempre pareceu saber o que queria, mas desde que trabalha para si que encontrou o seu lugar. Está mais confiante, em alguns aspetos mais triste, julgo que por causa das coisas que viu e teve de fazer. Mas está mais forte por causa delas. As suas cartas e telefonemas só falam de si. Questiono-me se sabe quanto significa para ela tê-la incluído naquilo que a Eve é.

— Escute, Senhora Peabody... Phoebe — corrigiu. — Eu não... eu nunca... — Expirou. — Vou dizer-lhe uma coisa sobre a Peabody que não quero que ela saiba.

Os lábios de Phoebe curvaram-se.

— Muito bem. O que me disser fica entre nós.

— Ela tem um bom olho e um cérebro rápido. A maior parte dos polícias tem de ter, senão não duram muito tempo. Ela lembra-se das coisas, por isso não é preciso perder tempo a revê-las. Ela sabe o que significa servir e proteger, conhece o verdadeiro significado. Isso faz diferença no tipo de polícia em que nos transformamos. Eu trabalhei sozinha durante muito tempo. Gostava de trabalhar assim. Depois de o meu antigo parceiro ter sido transferido para a DDE, não queria mais ninguém a trabalhar comigo.

— O Capitão Feeney.

— Sim, quando o Feeney foi promovido e foi para a DDE, fiquei a trabalhar sozinha, depois encontrei a Peabody, toda arranjadinha e polidinha, com aquele sarcasmo matreiro que ela tem. Eu não queria ter uma agente a trabalhar comigo. Nunca tive intenção de ser formadora de ninguém. Mas... ela tem um brilho. Não sei de que outra forma o posso dizer. Não se vê esse tipo de coisas todos os dias na nossa profissão. Ela queria trabalhar

nos Homicídios, e eu achei que os mortos precisavam de todo o brilho que pudessemos arranjar. Ela teria lá chegado sem mim. Eu só dei um empurrão.

— Obrigada. Preocupo-me com ela. É uma mulher crescida, mas continua a ser a minha menina. Sempre será. Isso é a maternidade. Mas vou preocupar-me menos depois do que me disse. Agora, acha que não me pode dizer o que pensa do Ian McNab?

Uma espécie de pânico comprimiu a garganta de Eve.

— Ele é um bom polícia.

Phoebe inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada, até o som rico e exuberante encher o espaço.

— Como é que eu sabia que ia dizer isso? Não se preocupe, Eve, gosto muito dele, mais ainda por estar tão apalermadamente apaixonado pela minha menina.

— Apalermado é uma boa descrição — murmurou Eve.

— Bem, sei que tem de ir trabalhar, mas tenho um presente para si.

— Mas já nos ofereceu um presente.

— Isso foi meu e do meu marido para si e para o seu marido. Este é de mim para si. — Curvou-se para pegar numa caixa que pousara no chão e colocou-a em cima do colo de Eve. — Os presentes não a deviam enervar tanto. São apenas símbolos, de agradecimento ou afeto. Neste caso é das duas coisas. Trouxe-o comigo antes de ter a certeza se vinha até Nova Iorque. Antes de ter a certeza se lho ia oferecer. Precisava de a conhecer primeiro. Por favor, abra.

Sem escapatória, Eve tirou a tampa da caixa. No seu interior estava a estátua de uma mulher, talvez com vinte centímetros de altura, esculpida num cristal quase transparente. Tinha a cabeça inclinada para trás e o cabelo chegava-lhe quase aos pés. Os olhos estavam fechados e a boca curvada num sorriso silencioso. Tinha os braços estendidos ao lado do corpo, com as palmas das mãos para cima.

— É a deusa — explicou Phoebe. — Esculpida em alabastro. Representa a força, a coragem, a sabedoria e a compaixão que são únicas das mulheres.

— É maravilhosa. — Segurando-a, Eve viu como a luz que entrava pela janela brilhava sobre a figura esculpida. — Parece velha, de um modo bom — acrescentou rapidamente, fazendo Phoebe rir mais uma vez.

— Sim, é velha, de um modo bom. Era da minha trisavó. Foi passada de mulher em mulher até chegar às minhas mãos. E agora às suas.

— É linda, de verdade. Mas não posso aceitar. É uma peça que deve ser mantida na sua família.

Phoebe estendeu o braço e pousou a mão sobre a de Eve, de maneira a que ambas ficassem a agarrar a estátua.

— Eu estou a mantê-la na família.

...

O escritório de Eve na Central era pequeno de mais para qualquer reunião que tivesse mais de duas pessoas. O telefonema para reservar uma sala de reuniões resultou numa discussão curta, amarga e sem resultados.

Vendo as suas opções limitadas, reorganizou-se e marcou a reunião para o escritório de casa.

— Algum problema, Tenente? — perguntou Roarke ao sair do seu escritório para o dela.

— Não há salas de reuniões disponíveis até às catorze? É uma treta, é o que é.

— Pois foi o que te ouvi dizer ao transmissor de modo bastante violento. Tenho uma reunião no centro da cidade. — Dirigiu-se a ela e passou com os dedos pela covinha do queixo de Eve. — Posso fazer alguma coisa por ti antes de me ir embora?

— Estou bem.

Ele pousou os lábios sobre os dela e deu-lhe um beijo demorado.

— Não devo chegar tarde. — Recuou e viu a estátua na secretária dela. — O que é isto?

— Foi a Phoebe quem me ofereceu.

— É de alabastro — disse quando pegou nela. — É linda. Parece uma espécie de deusa. Condiz bem contigo.

— Sim, sou mesmo eu. A deusa dos polícias. — Olhou para o rosto frio e sereno da estátua e recordou-se de ficar presa no rosto frio e sereno de Phoebe Peabody. — Ela pôs-me a dizer umas cenas. Acho que está nos olhos dela. Se queres manter os teus pensamentos guardados, não podes olhar para os olhos dela.

Ele riu-se e voltou a colocar a estátua no sítio.

— Imagino que exista um grande número de pessoas que diz exatamente a mesma coisa de ti.

Podia ter ficado a pensar naquilo, mas tinha trabalho para fazer. Pediu acesso a alguns ficheiros, inseriu dados em alguns ecrãs, depois voltou a mergulhar em Julianna Dunne.

Estava envolvida na segunda página de novos dados quando Peabody e McNab entraram.

— Assaltem o AutoChefe agora — disse, sem levantar os olhos. — Quero toda a gente a postos quando o Feeney chegar.

— Tens uma pista nova? — perguntou Peabody.

— Vou informar toda a gente ao mesmo tempo. E preciso de mais café.

— Sim, chefe. — Quando Peabody estendeu a mão para pegar na chávena vazia de Eve, viu a estátua. — Ela deu-te a deusa.

Levantou os olhos então e, para seu horror, viu lágrimas a inundar os olhos de Peabody. McNab também deve ter visto, porque resmungou:

— Coisas de miúdas — e dirigiu-se para a cozinha ali ao lado.

— Ouve, Peabody, quanto à estátua...

— E tu puseste-a na tua secretária.

— Sim, bem... Acho que ela devia passar para ti, por isso...

— Não, chefe. — A voz de Peabody estava grossa quando levantou os olhos húmidos para olhar para os de Eve. E sorriu. — Ela deu-ta a ti, isso significa que confia em ti. Que te aceita. Fazes parte da família. E tu colocaste-a aqui, mesmo na tua secretária, o que quer dizer que também a aceitas. Isto é um momento muito importante para mim — acrescentou, e procurou um lenço. — Eu adoro-te, Dallas.

— Oh, Cristo. Se tentares beijar-me, despeço-te

Peabody deu uma gargalhada comovida e assoou o nariz.

— Não sabia bem se ias falar comigo hoje de manhã. O meu pai ligou a dizer que iam ficar hospedados cá em casa.

— A tua mãe fez um enguiço ao Roarke. E olha que não é coisa fácil de se fazer.

— Pois, eu logo vi. Não estás danada?

— O Sam fez croissants hoje de manhã. A tua mãe levou-me um, com café.

Um sorriso rasgado iluminou o rosto de Peabody.

— Então está tudo bem.

— Aparentemente. — Eve pegou na chávena, comprimindo os lábios enquanto olhava para o seu interior. — Mas parece que neste momento não tenho café. Como é isso possível?

— Vou corrigir essa falha de imediato, Tenente. — Peabody tirou-lhe a chávena das mãos, depois hesitou. — Hmm, Dallas? Que sejas abençoada.

— O quê?

— Desculpa, não consegui evitar. É o meu treino de Espírito-Livre. É só... Obrigada. Mais nada. Obrigada.

— Julianna Dunne. — Feeney bebeu um grande gole de café e abanou a cabeça. Ele tinha o rosto vivo de um basset hound e os olhos caídos de um camelo. O cabelo grosso e ruivo, salpicado com fios prateados, parecia que tinha sido tomado de assalto por um louco com uma tesoura de podar. O que significava que tinha sido cortado há pouco tempo.

Estava sentado no escritório de Eve, com as pernas atarracadas estendidas. Uma vez que trazia uma meia castanha e outra azul, Eve partiu do princípio que a mulher não lhe tinha passado revista naquela manhã.

No que dizia respeito à moda, Feeney não era grande especialista, mas quando se tratava de eletrônica, ele dominava.

— Nunca pensei ter outra oportunidade de apanhar essa.

— Não temos impressões digitais nem ADN, quer no local do crime, quer no apartamento alugado a Julie Dockport e que já foi verificado. Mas a imagem — Eve gesticulou para o ecrã com as fotografias dos documentos de identificação — dá-me a confirmação ocular. Fiz um cálculo de probabilidades, só por descargo de consciência, e obtive uma probabilidade de noventa e nove por cento de Julie Dockport e Julianna Dunne serem a mesma pessoa.

— Se ela acabou de sair da cadeia no primeiro semestre do ano, trabalha muito depressa — comentou McNab.

— Pois trabalha — concordou Eve. — Ela tem trinta e quatro anos. Aos vinte e cinco já tinha casado com três homens, que assassinou. É isso que sabemos dela. Aparentemente, fê-lo por dinheiro. Escolhia homens ricos, bem estabelecidos, mais velhos. Cada um deles tinha tido um casamento anterior e era divorciado. A relação mais curta foi de sete meses, a mais comprida de treze. Mais uma vez, recebeu uma herança generosa de cada um dos maridos mortos.

— É um rico trabalho se a conseguirmos entender — disse Peabody.

— Ela escolhia o homem, investigava-o, o seu passado, do que gostava, do que não gostava, os seus hábitos e por aí em diante. Investigava-o meticulosamente. Sabemos isto porque conseguimos localizar um cofre num banco de Chicago onde ela guardava as anotações, fotografias e informações do marido número dois, Paul O'Hara. Foi um dos argumentos que usámos para a conseguir condenar. Nunca conseguimos encontrar cofres semelhantes em Nova Iorque ou em East Washington.

— Poderia ela ter tido um parceiro? — perguntou Peabody. — Alguém que removesse ou destruísse as provas?

— É pouco provável. Tanto quanto os investigadores conseguiram perceber, ela trabalhava sozinha. O perfil psicológico corroborava esse facto. A sua patologia básica era bastante corriqueira. A mãe divorciou-se do pai quando Julianna tinha quinze anos. O padrasto também era divorciado, rico, mais velho, uma espécie de vaqueiro do Texas que era quem mandava em casa. Ela afirmou que ele a molestara sexualmente. A psicóloga da Polícia não foi capaz de determinar se a relação sexual de Julianna com o padrasto, que não a negou, tinha sido consensual ou forçada, embora se sentisse mais inclinada a acreditar nela. De qualquer maneira, como ela era menor de idade, continuava a ser abuso.

— E o principal fator que ajudou à redução da pena — acrescentou Feeney.

— Então ela anda a matar o padrasto. — Peabody olhou de relance para a parede de ecrãs. — Repetidamente.

— Talvez.

Ao olhar para o ecrã, Eve conseguiu ver a criança que fora um dia, aninhada no canto de um quarto frio e imundo, louca com a dor da última tarefa, da última violação. Coberta de sangue — do sangue dele —, com a faca que usara para matar o pai ainda escorregadia e a pingar na sua mão pequena de oito anos.

O estômago contraiu-se e afastou a imagem da cabeça.

— Eu nunca achei que fosse isso. — Eve manteve a voz calma, à espera que o controlo voltasse completamente ao lugar. — Ela matava com ponderação. Onde estava a raiva, o terror, o desespero? Ela usou o que quer que aconteceu com o padrasto como desculpa. É uma assassina fria e calculista. Ela nasceu assim, não se fez assim.

— Tenho de concordar com a Dallas neste aspeto — disse Feeney. — Esta tipa tem gelo nas veias em vez de sangue e não é vítima de ninguém. Ela é caçadora.

— O APB ainda não obteve resultados — continuou Eve. — Também não achei que desse alguma coisa. Ela deve ter planeado tudo cuidadosamente, já teria um nome novo, uma nova personalidade e história. Nunca muda muito o visual. É demasiado vaidosa e gosta do aspeto que tem. É feminina. Gosta de roupas, de cabelo, acessórios e salões de beleza. Vai apenas às melhores lojas e restaurantes. Não a vão encontrar em caves baratas, em clubes de sexo ou em bares. Prefere as grandes cidades, dentro do planeta. Vamos difundir a imagem dela nos meios de comunicação social, e pode ser que tenhamos sorte.

Seria precisa alguma sorte para lá do trabalho da Polícia, pensou Eve. Julianna não cometia muitos erros.

— O nosso problema é que ela desaparece bem entre a multidão. É muito boa nisso. As pessoas que reparam nela veem apenas uma mulher atraente a tratar da sua vida. Quando faz amigos, são apenas ferramentas temporárias. Ninguém consegue aproximar-se dela.

— Se ela se tornou assassina profissional, podes apostar o canastro em como vai ser boa no que faz. — Feeney encheu as bochechas de ar. — Por esta altura, ela já pode estar na porra de um sítio qualquer, Dallas.

— Então temos de começar a procurar. Na porra dos sítios todos. Lembras-te quem era o investigador principal em Chicago?

— Sim. Sim, era, hmm... Spindler?

— Certo. E o Block em East Washington. Podes contactá-los? Para ver até onde chegaram?

— Claro. Também tenho algumas notas pessoais sobre ela. Vou procurá-las e juntá-las ao pacote.

— A psicóloga de perfis que trabalhou no caso de Julianna e traçou o perfil dela já se reformou. Vou passar o caso à Mira e pedir-lhe que consulte o perfil dos registos. McNab, vais ficar nas operações. Quero que retires os dados dos processos todos, que os catalogues e que cruces as informações e qualquer semelhança que te apareça à frente. Arranja-me ficheiros. Ligações familiares, associados conhecidos, registos financeiros. Quero que contactes o responsável pelos prisioneiros de Dockport e que consigas a lista de reclusas com quem ela trabalhou, as que partilhavam instalações com ela. Quero saber com quem ela passou tempo na cadeia. Vou ver o que consigo arrancar da primeira Senhora Pettibone. Peabody, vens comigo.

Eve entrou no carro e como Shelly Pettibone vivia em Westchester, recorreu ao mapa automático para obter o melhor caminho e indicações. Foi uma agradável surpresa quando o percurso apareceu realmente no ecrã do painel de instrumentos.

— Ah, olha só para isto! Funcionou.

— A tecnologia é nossa amiga, Tenente.

— Claro, quando não nos está a lixar apenas para o seu divertimento retorcido. Isto fica a poucos quilómetros da casa do Comandante Whitney. Com a minha sorte, a Senhora Pettibone ainda é a melhor amiga da mulher do comandante.

A matutar na possibilidade, percorreu o caminho de acesso.

— O meu pai disse que ele e a minha mãe hoje iam para a baixa da cidade. Que iam ver a Village, SoHo e arredores.

— Hmm? Ah sim? Ótimo.

— Hoje à noite vou levá-los a jantar fora, por isso não vão incomodar-te.

— Hmm-hmm.

— Depois vou levá-los a um clube de sexo ao vivo e eu e o McNab vamos atuar e desempenhar vários atos sexuais exóticos para eles verem.

— Parece-me bem.

— Pensei que se tu e o Roarke quisessem vir, podíamos fazer uma pequena orgia. Sabes, um quarteto.

— Tu achas que não te estou a ouvir, mas estás enganada. — Eve entrou para o trânsito. — Oh. Ops!

Eve passou por um semáforo amarelo e rosnou a um autocarro que se meteu na sua faixa. Com uma guinada no volante, enfiou-se por um espaço estreito, acelerou, guinou novamente e ultrapassou o autocarro com a mesma ligeireza com que ele lhe passara à frente.

A buzina irritada do motorista fê-la brilhar alegremente.

— Então acho que entre os teus pais e o caso novo não tens tido muito tempo para trabalhar no Stibbs.

— Já fiz alguma coisa. Maureen Stibbs, anteriormente Brighton, não só vivia no mesmo edifício que a falecida, como também no mesmo piso. Como faz agora, Boyd Stibbs trabalhava frequentemente em casa, ao passo que a primeira mulher viajava todos os dias úteis para o emprego. A anterior Menina Brighton, com o seu trabalho de consultora de design, também trabalhava no escritório de casa quando não se encontrava a viajar para se encontrar com os clientes. Isto oferecia ao atual casal o tempo e a oportunidade de darem umas voltinhas juntos.

— Voltinhas. Isso é um termo legal?

— Boyd Stibbs casou com Maureen Brighton dois anos e meio depois da trágica morte de Marsha Stibbs. Acho que era muito tempo se já andassem às festinhas antes...

— Mais um termo legal. Peabody, estou tão impressionada.

— ... enquanto Marsha ainda estava viva — continuou Peabody. — Mas também seria muito inteligente da parte deles. Ainda assim, se andassem a dançar a rumba horizontal, é um termo médico, e quisessem tornar a relação permanente, o divórcio era a opção mais fácil. A Marsha não tinha uma grande quantidade de dinheiro que o Boyd perderia se a largasse, nem nada. Não consigo imaginar motivos para premeditação.

— E andas a investigar a premeditação porque?

— Por causa das cartas. Se presumirmos que todas as declarações dos amigos, familiares, de pessoas com quem trabalhava e até do marido e da sua substituta são válidas, temos de perseguir a possibilidade de nunca ter

existido amante nenhum. Então, alguém teve de colocar as cartas na gaveta dela. Depois do crime.

— Porquê depois?

— Porque uma mulher sabe sempre o que está na gaveta da roupa interior. Se fosse lá buscar um par de cuecas, encontrava as cartas. — Peabody parou. — Isto é um teste ou coisa do género?

— Continua lá. Diz-me como aconteceu.

— Muito bem, alguém que tinha acesso facilitado ao apartamento dela, alguém que lá esteve na noite em que morreu, colocou as cartas na gaveta dela. E parece-me que a escolha da gaveta é própria de uma mulher. É pouco provável que um homem escolhesse a gaveta da roupa interior para esconder o que quer que fosse. Não sabemos quando as cartas foram escritas porque não têm envelopes nem selos. Podiam ter sido todas escritas na noite em que ela morreu. E se assim foi, pode-se então excluir a premeditação e passar a uma tentativa de encobrimento de um impulso. Crime passional.

— Então a teoria é que uma pessoa, ou pessoas, mataram Marsha Stibbs por impulso, colocando-a depois na banheira, esperando cobrir o homicídio e fazê-lo parecer um acidente. Talvez preocupadas de que não fosse o suficiente, esta pessoa, ou pessoas, escreveram cartas de um amante que não existe e colocaram-nas na gaveta da roupa interior da vítima, para parecer que foi morta pelo tal amante invisível durante uma discussão.

— Está bem, parece um pouco rebuscado.

— Então dá-lhe a volta.

— Só estou nervosa porque isto parece mesmo um teste. — Peabody pigarreou enquanto Eve se limitava a lançar-lhe um olhar sério. — Uma parte do resto da teoria é puro instinto. Viste como os dois reagiram à nossa presença. Boyd parecia triste, inicialmente um pouco trémulo, mas ficou contente por estarmos ali. Podia ser fingido, mas sem tempo para se preparar, pareceu-me real, assim como a sua insistência em como Marsha não tinha amante nenhum.

Parou, à espera da confirmação ou refutação de Eve, mas não recebeu nada a não ser silêncio.

— Está bem, estou sozinha. O álibi dele é sólido e se tivesse conhecimentos do crime, ou contratado um assassino, parece-me que ficaria nervoso por estarmos a invadir a sua nova e agradável vida e tornar real a possibilidade de o expormos. Por outro lado, quando ela chegou, ficou assustada, zangada e quis que nos fôssemos embora. Que nos afastássemos da sua nova e agradável vida com o marido da amiga morta. Talvez seja uma reação normal, mas também pode ter sido a culpa e o medo da exposição.

— Culpa porque ela andava, como era a expressão?, às festinhas com o tal marido da amiga morta, antes de a dita amiga ter morrido?

— Talvez, mas e se não andasse? — Ansiosa e um pouco entusiasmada, Peabody virou-se no lugar para poder olhar para o perfil de Eve. — E se quisesse simplesmente matá-la? Se estivesse apaixonada por ele e lá estava ele, mesmo do outro lado do corredor, todos os dias, com um casamento feliz, a vê-la apenas como uma amiga da mulher? Ela queria ficar com ele para si, mas enquanto Marsha estivesse por perto, ele nunca ia olhar para Maureen. A culpa por ele não a amar era de Marsha. A culpa por ela não estar a viver aquele sonho, a casa bonita, o marido ótimo, talvez um par de filhos no futuro, era de Marsha. Aquilo deixava-a danada, fazia-a infeliz. Ela sempre agiu como a boa amiga e vizinha e não consegue simplesmente tirar da cabeça a fantasia de como seria ter aquela vida.

— O que fez ela?

— Teve uma discussão com Marsha. Boyd estava fora da cidade e a altura era propícia. Culpou Marsha por trabalhar fora todo o dia em vez de ficar em casa a cuidar do seu marido. Ela não merecia Boyd. Se ela fosse mulher dele, estaria sempre lá para lhe preparar as refeições, comprar as mercearias. Ia dar-lhe um filho. Ia dar-lhe uma família. Discutiram por causa disto.

Quería ver as coisas a acontecer, porque sabia que Eve conseguia visualizar este tipo de coisas, mas por enquanto as imagens ainda eram indistintas.

— O mais certo foi a Marsha ter-lhe dito para desaparecer dali. Para se manter longe do marido. Aposto que disse que ia contar tudo a Boyd. Que nenhum dos dois voltaria a ter qualquer contacto com ela. E isso foi demasiado para Maureen. Empurrou Marsha, ela caiu e rachou o crânio. O ficheiro dizia que o que a matou foi uma queda em que bateu com a cabeça na esquina de uma mesa de vidro reforçado. Ela entrou em pânico, tentou cobrir o sucedido. Despiu Marsha, colocou-a na banheira. Talvez pensassem que ela tinha escorregado, que batera com a cabeça na banheira e se afogara.

»Mas depois começou a pensar melhor e percebeu que talvez não achassem que foi acidente. Mais do que isso, aquilo era uma oportunidade para ela. Era como um presente. Não tinha intenção de a matar, mas agora já estava feito. Não o podia desfazer. Se Boyd e a Polícia achassem que Marsha tinha um amante, tudo ficaria resolvido. Iam começar a procurá-lo como sendo o suspeito. Por que motivo olhariam sequer para ela? Por isso, escreveu as cartas, colocou-as na gaveta e foi para casa, esperar pelo que se seguiria. Aposto que, algum tempo depois, ela começou a acreditar que as coisas se passaram mesmo do modo que fez parecer. Era a única maneira

de conseguir viver com aquilo, a única maneira de conseguir dormir ao lado dele noite após noite sem endoidecer.

Expirou e engoliu com dificuldade, porque tinha a garganta seca.

— É nesta teoria que estou a trabalhar. Vais dizer-me que é uma treta?

— Como chegaste até ela?

— Observei os relatórios, os dados, as fotografias. Depois li os depoimentos até me doerem os olhos. Ontem à noite estava deitada na cama com isto tudo a girar na minha cabeça. Por isso, coloquei tudo assim num cantinho do cérebro e usei o resto para tentar pensar como tu. Ou como eu penso que pensas. Sei como entras num local do crime e comesças a visualizar tudo, como se estivesse a ver enquanto tudo acontecia. E foi assim que vi as coisas acontecerem. É um pouco sombrio, mas é assim que o vejo.

Começou a inspirar profundamente, depois pestanejou.

— Estás a sorrir.

— Vais querer falar com ela quando ele não estiver por perto. Vais querer interrogá-la quando ela estiver sozinha. Com ela e com a miúda, ela tem as defesas completamente erguidas. Pode dizer a si própria que está a protegê-los. Chama-a a uma sala de interrogatório. Torna-o formal. Ela não vai querer ir, mas o uniforme vai intimidá-la e vai aparecer. É pouco provável que chame já um advogado, porque vai preocupar-se que isso a possa fazer parecer culpada. Avisa-me quando estiveres preparada para o marcar e vou tentar observá-lo.

Peabody sentiu o coração a bater novamente.

— Achas que tenho razão? Achas que foi ela?

— Oh, sim, foi ela.

— Já sabias. Assim que ela entrou no apartamento, percebeste logo.

— Não importa o que eu sei ou percebi. O caso é teu, por isso o importante é que tu saibas e que consigas fazer com que ela te conte.

— Se fosses tu a fazer o interrogatório...

— Não vou fazer interrogatório nenhum, tu é que o fazes. O caso é teu. Trabalha na abordagem que vais utilizar, no tom, depois chama-a à esquadra e faz com que confesse.

Eve entrou para um caminho de acesso e Peabody olhou em redor inexpressivamente. Sem dar por ela, tinham saído da cidade e estavam nos subúrbios.

— Agora esquece esse assunto — ordenou Eve. — Neste momento, Pettibone tem prioridade.

Ficou sentada durante um instante a observar a casa de tijolos rosados. Era suficientemente modesta, até simples antes de se lhe juntar os jardins. Junto à base da casa nasciam vagas, rios, lagos de flores, espalhando-se por todo o lado até ao passeio. Não havia relvado visível, embora existissem al-

guns aglomerados altos de uma espécie qualquer de erva ornamental criativamente inserida no meio do mar de cor.

Um caminho de pedra serpenteava por entre as flores até à base de um alpendre coberto de trepadeiras, com flores grossas e roxas a enroscar-se pelos postes acima.

No alpendre havia cadeiras com almofadas brancas, mesas de vidro e ainda mais vasos de flores que tinham sido artisticamente cobertos de verde. Era óbvio que Shelly Pettibone gostava de se sentar a admirar as suas flores.

Enquanto Eve pensava naquilo, uma mulher saiu pela porta da frente com um tabuleiro na mão.

Tinha a pele profundamente bronzeada; os braços longos e finamente musculados destacavam-se das mangas de uma t-shirt azul larga. As calças de ganga estavam cortadas pelos tornozelos.

Pousou o tabuleiro e observou Eve a sair do carro. A brisa suave agitou o cabelo castanho aclarado pelo sol, que usava curto e sem grande penteado, em volta do rosto envelhecido e atraente de uma mulher que viveu grande parte da vida ao ar livre.

À medida que Eve se aproximava, viu que os olhos da mulher eram castanhos e mostravam sinais de choro.

— Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Senhora Pettibone? Shelly Pettibone?

— Sim. — O seu olhar desviou-se para Peabody. — É sobre o Walter.

— Eu sou a Tenente Dallas. — Eve mostrou-lhe o distintivo. — A minha assistente, Agente Peabody. Lamento perturbá-la nesta altura difícil.

— Precisa de me fazer perguntas. Acabei de falar com a minha filha. Parece que não consigo fazer nada para a ajudar. Não consigo pensar nas palavras certas. Não me parece que existam. Desculpem, por favor, sentem-se. Ia mesmo beber um café. Vou buscar mais chávenas.

— Não se incomode.

— Sempre me dá algo para fazer e neste momento não tenho coisas suficientes com que me ocupar. Eu volto já. Podemos falar aqui fora, não podemos? Gostava de ficar um pouco cá fora.

— Claro, aqui está muito bem.

Voltou a entrar em casa e deixou a porta aberta.

— Um tipo troca-te por uma mulher mais nova ao fim de trinta anos, mais coisa menos coisa — começou por dizer Eve. — Como te sentirias quando ele morre?

— É difícil dizer. Eu não me imagino a viver com ninguém durante três anos, quanto mais trinta. Tu é que és a casada. Como te sentirias?

Eve abriu a boca para fazer um comentário qualquer de desprezo, mas

deteve-se. Percebeu que ficaria magoada. Que ficaria de luto. Não obstante o que ele tivesse feito, sentiria a sua perda.

Em vez de responder, levantou-se e olhou de relance para dentro de casa.

— É agradável, se se gostar deste tipo de coisas.

— Nunca vi um jardim como este. Parece mesmo mágico e deve dar uma trabalhadeira. Parece natural, mas está mesmo bem planeado. Tem tudo plantado para tirar o melhor partido das flores: sazonalidade, fragância, cores e texturas. Sinto o aroma das ervilhas de cheiro. — Inspirou profundamente. — A minha avó tem sempre ervilhas de cheiro por baixo da janela do quarto.

— Gosta de flores, Agente? — Shelly regressou, com as chávenas na mão.

— Gosto, sim, senhora. O seu jardim é lindo.

— Obrigada. É o que eu faço. Desenho paisagístico. Estava a estudar design e horticultura quando conheci o Walter. Foi há um milhão de anos — disse suavemente. — Ainda não consigo acreditar que ele desapareceu. Não acredito que nunca mais o vou ver.

— Via-o com frequência? — perguntou Eve.

— Oh, mais ou menos semana sim, semana não. Já não éramos casados, mas tínhamos muito em comum. — Serviu o café com mãos sem anéis. — Ele recomendava-me com frequência a clientes e eu a ele. As flores foram um dia o laço que nos uniu.

— No entanto divorciaram-se e ele voltou a casar.

— Sim. E sim, foi ele quem quis acabar o casamento. — Cruzou as pernas por baixo do corpo e pegou na chávena. — Eu sentia-me satisfeita e a satisfação era suficiente para mim. Mas o Walter precisava de mais. Precisava de se sentir feliz, excitado e envolvido. Fomos perdendo um pouco da chama essencial ao longo dos anos. Com os miúdos crescidos e fora de casa, voltámos a ser só os dois... Bem, não fomos capazes de reacender a chama. Ele precisava mais dela do que eu. Embora fosse difícil para ele, disse-me que precisava de mudar de vida.

— Deve ter ficado zangada.

— Fiquei. Zangada, magoada e atordoada. Ninguém gosta de ser descartado, ainda que gentilmente. E Walter foi muito gentil. Não havia uma célula de maldade no seu ser.

Os olhos voltaram a encher-se de lágrimas, mas Shelly pestanejou para as afastar e bebeu um longo gole de café.

— Se eu tivesse insistido, se o tivesse voltado a empurrar para o canto em que o nosso casamento se transformara para ele, ele teria ficado.

— Mas não o fez.

— Eu amava-o. — Sorriu quando o disse, destroçada. — Seria culpa dele, ou minha, que o amor que sentíamos um pelo outro se tivesse transformado em algo demasiado confortável, demasiado insípido para continuar a ser interessante? Não vou dizer que não foi difícil deixá-lo ir e encarar a vida sozinha. Estivemos casados durante mais de metade da minha vida. Mas mantê-lo comigo por obrigação? Sou demasiado orgulhosa para isso e tenho demasiado respeito por ambos.

— Como se sentiu quando ele casou com uma mulher mais nova que a sua filha?

— Divertiu-me. — A primeira centelha de humor apareceu no rosto de Shelly e tornou-o bonito e matreiro. — Sei que é mesquinho e egoísta, mas achei que tinha direito a um momento ou dois de diversão. Como podia ser de outra forma? Ela é um pouco tontinha e com franqueza não acho que conseguissem ficar juntos durante muito tempo. Ele ficou deslumbrado por ela e sentia-se orgulhoso daquele modo que os homens ficam quando podem ter alguma coisa estupidamente decorativa nos braços.

— Muitas mulheres sentir-se-iam envergonhadas, furiosas.

— Sim, mas quão idiota é compararmo-nos a um ornamento pateta? A minha reação foi a oposta. Na verdade, a relação dele com ela ajudou-me imenso a perceber o que tinha acontecido entre nós. Se a felicidade dele, ainda que temporária, dependia de um bonito par de seios e de uma nova e risonha rapariga, bem, ele não ia exatamente consegui-lo comigo, não é verdade?

Shelly suspirou e pousou a chávena.

— Ela fê-lo feliz e amou-o lá à sua maneira. Uma pessoa não conseguia evitar amar o Walt.

— Pois, já ouvi dizer. Mas alguém não o amava, Senhora Pettibone.

— Já pensei nisso. — Todo o humor se esvaiu do rosto dela. — Já pensei e voltei a pensar. Não faz sentido, Tenente. Não faz sentido absolutamente nenhum. A Bambi? Deus, que nome. Ela é tolinha e frívola, mas não é maldosa. É preciso ser-se maldoso para matar alguém, não é?

— Por vezes basta haver um motivo.

— Se achasse, por um segundo que fosse, que ela podia ser responsável pela morte dele, faria tudo o que pudesse para ajudar a prová-lo. Para a ver pagar por isso. Mas, oh Deus, ela é uma idiota inofensiva que se conseguir ter dois pensamentos ao mesmo tempo, deve ouvi-los provavelmente a chocalhar no interior daquela sua cabeça oca.

Ela não o podia ter dito melhor, pensou Eve para consigo.

— E que razão podia ela ter para o fazer? — perguntou Shelly. — Tinha tudo o que poderia querer. Ele era incrivelmente generoso com ela.

— Ele era um homem muito rico.

— Sim e não era homem de se agarrar ao dinheiro. O acordo do divórcio foi mais do que justo. Se não adorasse o que faço, nunca mais precisaria de trabalhar na vida. Sei, porque ele me contou, que quando casou com a Bambi, lhe deu um fundo fiduciário substancial. Os nossos filhos foram generosamente tratados e cada um tem uma grande participação do Mundo das Flores. A herança que cada um de nós, e sim, também sou beneficiária, vai receber pela sua morte é considerável. Mas nós já temos mais do que é considerável.

— E quanto a associados empresariais? Concorrentes?

— Não conheço ninguém que quisesse mal ao Walt. Quanto aos negócios, matá-lo não vai afetar o MDF. A empresa está bem estabelecida, bem organizada, com os nossos dois filhos a tomarem cada vez mais as rédeas da administração. Matá-lo não faz sentido.

Tinha feito sentido para Julianna, matutou Eve. A mulher não fazia nada que não fizesse sentido.

— Uma vez que mantiveram uma boa relação, por que motivo não foi à festa de anos?

— Porque me pareceu esquisito. Ele pediu-me para ir, embora não com muita insistência. Devia ser uma surpresa, mas é claro que ele já sabia há semanas. Estava muito entusiasmado. No que dizia respeito a festas, ele era sempre como um menino pequeno.

Eve levou a mão ao casaco e tirou as fotografias de Julianna Dunne.

— Conhece esta mulher?

Shelly olhou para as duas fotografias, segurando-as lado a lado.

— É muito bonita, com ambos os visuais. Mas não, nunca a vi antes. Quem é?

— O que estava a fazer na noite da festa do seu marido?

Ela inspirou levemente, como se soubesse que aquela pergunta era um golpe que tinha de enfrentar.

— Uma vez que estava sozinha, não tenho aquilo a que chamam de álibi. Trabalhei no jardim quase até ao pôr do sol e é possível que algum vizinho me tenha visto. Fiquei em casa nessa noite. Uns amigos convidaram-me a ir jantar ao clube, ao Clube de Campo de Westchester, mas não me apetecia sair. São capazes de os conhecer, Jack e Anna Whitney. Ele é Comandante da Polícia na cidade.

Eve sentiu o estômago a contrair-se.

— Sim, conheço o comandante e a mulher.

— A Anna tem andado a tentar arranjar-me um namorado desde o divórcio. Não consegue entender como posso ser feliz sem um homem.

— E é feliz? Alguma vez pensou que se a relação do seu marido com a atual mulher acabasse, como achava que acabaria, ele podia voltar para si?

— Sim. Pensei nisso, ponderei a questão. Mas a verdade é que acho que ele não teria voltado.

Uma borboleta, de um branco cremoso, entrou no alpendre e esvoaçou até pousar num dos vasos de flores. Ao observá-la, Shelly suspirou.

— E sei que se ele tivesse voltado, eu não o aceitaria de volta — acrescentou. — Eu amava-o, Tenente, e ele será sempre uma parte vital da minha vida. Mesmo agora, quando já não está connosco. Foi o homem com quem vivi, com quem dormi e com quem criei os meus filhos. Partilhamos um neto que ambos adoramos. Memórias que mais ninguém tem, e que são muito preciosas. Mas já não estávamos apaixonados um pelo outro. E aprendi a gostar da vida que tenho agora, sozinha. Gosto do desafio e da independência. E embora isso deixe a Anna e mais alguns amigos espantados, ainda não estou preparada para abrir mão dessa independência. Não sei se alguma vez estarei. Walter era um homem bom, um homem muito, muito bom. Mas já não era meu.

Devolveu as fotografias a Eve.

— Não me disse quem ela é.

Ela ia acabar por saber, pensou Eve, fosse pelas notícias ou pela ligação que tinha com Anna Whitney.

— É a mulher que deu o champanhe envenenado a Walter Pettibone. E a nossa principal suspeita.

— Gostei dela — disse Peabody enquanto regressavam à cidade.

— Eu também.

— Não a imagino a contratar um assassino. Pareceu-me demasiado direta e, não sei, sensata. E se o motivo fosse vingança pelo divórcio, porque não atentar contra a Bambi também? Por que devia a substituta ser deixada a fazer o papel da viúva desgostosa enquanto se rebola na herança?

Uma vez que Eve tinha chegado à mesma conclusão, limitou-se a acenar com a cabeça.

— Vou ver se o Whitney me pode dar uma perspetiva diferente do divórcio e da atitude dela em relação a Pettibone. Mas nesta altura, deixamo-la no fundo da lista.

— Qual é o passo seguinte?

— Se Julianna foi contratada para matar, deve ter cobrado muito dinheiro. Vamos começar pelas finanças, vamos ver se alguém gastou uma soma avultada recentemente.

...

Julianna não estava preocupada com o dinheiro. Os maridos, que Deus os tivesse em descanso, tinham sido bastante generosos com ela. Muito antes de os matar, abriu várias contas seguras, numeradas sob vários nomes em instituições financeiras discretas.

Tinha investido bem, e mesmo durante o tempo hediondo que passara na prisão, o seu dinheiro gerou mais dinheiro.

Podia ter vivido uma vida longa e confortável em qualquer parte do mundo ou nos seus satélites. Mas essa vida não estaria completa a não ser que pudesse tirar a vida de outras pessoas.

Gostava realmente de matar. Era um trabalho tão interessante.

O único benefício de ter estado presa fora o tempo, o interminável tempo, que tivera para planejar como ia continuar o trabalho quando voltasse a ser livre.

Ela não odiava homens. Abominava-os. As suas mentes, os seus corpos, as mãos suadas e tateantes. Mais do que tudo, detestava a sua simplicidade. Quando se tratava de homens, tudo se resumia ao sexo. Por muito que procurassem disfarçá-lo — romanceá-lo, justificá-lo ou dignificá-lo —, o objetivo primordial de um homem era enfiar a pila dentro de uma mulher.

E eram demasiado estúpidos para perceber que, mal o faziam, davam todo o poder às mulheres.

Não tinha a menor piedade de mulheres que diziam ter sido abusadas, violadas ou molestadas. Se uma mulher era demasiado estúpida ou demasiado fraca para saber como pegar no poder de um homem e usá-lo contra ele, então merecia aquilo que recebia.

Julianna nunca tinha sido estúpida. E aprendera depressa. A mãe não passava de uma tonta que se deixou deitar fora por um homem e se apressou a procurar por outro. E estava sempre ao mando deles, sempre subserviente e maleável.

Nunca tinha aprendido. Nem mesmo quando Julianna seduzira o idiota do segundo marido dela, quando o atraía para a sua cama e o deixara fazer todas as coisas nojentas que os homens adoram fazer no seu corpo de quinze anos, fresco e maleável.

Tinha sido tão fácil fazer com que ele a desejasse, atraí-lo de maneira a que se esgueirasse da cama da mulher para entrar na da filha dela. Fazê-lo arfar por ela como se fosse um cachorrinho ansioso.

Tinha sido tão fácil usá-lo contra ele. A única coisa que precisava de fazer era acenar-lhe com sexo e ele dava-lhe tudo o que ela queria. Depois bastava ameaçá-lo que contava tudo para ele lhe dar mais ainda.

Saíra de casa aos dezoito anos, com muito dinheiro no bolso e sem olhar uma vez para trás. Jamais se esqueceria da cara da mãe quando lhe

contou o que acontecera nos últimos três longos anos, mesmo por baixo do seu nariz.

Tinha sido tão terrivelmente satisfatório ver o choque, o horror, a dor. Ver o peso de tudo a abater-se sobre ela e a esmagá-la.

Naturalmente, disse que tinha sido violada, forçada, ameaçada. Valia sempre a pena proteger-se.

Talvez a mãe tivesse acreditado nela, talvez não. Não importava. O importante foi que, naquele momento, Julianna se apercebeu de que tinha o poder de destruir.

E isso fez dela quem era.

Agora, anos mais tarde, estava no quarto de uma casa em Madison Avenue que comprara há mais de dois anos. Com um nome diferente. Observando o seu reflexo no espelho, decidiu que gostava de se ver morena. Era um visual picante, principalmente com o tom dourado que escolhera para a pele.

Acendeu um cigarro de ervas e virou-se de lado ao espelho. Passou a mão pela barriga lisa. Tinha aproveitado as instalações de saúde da prisão e mantivera-se em forma.

Na verdade, acreditava estar em melhor forma agora do que quando tinha ido para a prisão. Estava mais firme, mais forte, em ótimas condições físicas. Talvez se inscrevesse num ginásio ali, um que fosse exclusivo. Era uma excelente maneira de conhecer homens.

Quando ouviu o seu nome, olhou de relance para o ecrã de entretenimento que transmitia as notícias de última hora. Deliciada, viu os rostos, o seu e o de Julie Dockport, aparecerem no ecrã. Tinha de admitir que não esperava que a Polícia a identificasse tão depressa. Não que a preocupasse, de maneira nenhuma.

Não, eles não a preocupavam. Eles — ou melhor, uma deles — desafiavam-na.

Detetive Eve Dallas, que agora era Tenente.

Tinha regressado por Dallas. Para travar uma guerra com ela.

Havia qualquer coisa em Eve Dallas, pensou naquele momento, qualquer coisa fria e sombria que lhe tinha dito algo.

Eram almas gémeas, matutou, e enquanto a ideia a intrigava, passara longas horas na prisão a estudar aquela adversária em particular.

Ainda tinha tempo. A Polícia ia andar em círculos à procura de uma ligação entre ela e Walter Pettibone. Não iam encontrar nenhuma, porque não existia qualquer ligação.

Esse era agora o objetivo do seu trabalho: os maridos de outras mulheres. Nem precisava de ter sexo com eles. Podia simplesmente matá-los.

Saindo descontraidamente do quarto, encaminhou-se para o escritó-

rio, para passar as horas seguintes a estudar os dados que pesquisara sobre a sua próxima vítima.

Podia ter tido uma licença sabática forçada, mas Julianna estava de volta. E preparada para entrar em ação.

Como empatar a fazia sentir-se fraca e estúpida, Eve só conseguiu adiar a vida ao escritório do Comandante Whitney até meio do dia.

A única satisfação em ir lá acima era ter podido ignorar a jornalista de direitos do Canal 75, Nadine Furst, que lhe pediu uma entrevista sobre o caso Pettibone-Dunne.

Era mais uma coisa que tinha de controlar, pensou enquanto entrava no deslizante para sair dos Homicídios. As capacidades de investigação de Nadine eram tão boas e sábias como o seu guarda-roupa. Seria uma ferramenta útil.

Uma vez que foi imediatamente levada até ao escritório de Whitney sem ficar a aguardar um segundo, Eve achou que ele já estava à espera dela.

Ele estava sentado à secretária, um homem de ombros largos e rosto experiente, amplo. Tinha olhos grandes e claros e Eve tinha razões para acreditar que o tempo que estivera afastado das ruas não o tinha amolecido.

Whitney recostou-se e fez-lhe um pequeno sinal com o dedo para que se aproximasse.

— Tenente. Tem andado ocupada.

— Chefe?

— Fez uma viagem hoje de manhã ao meu bairro, para visitar Shelly Pettibone. — Entrelaçou as mãos grandes e o seu rosto era imperscrutável. — Acabei de ouvir um ralhete da minha mulher.

— Comandante, faz parte do procedimento habitual questionar todas e quaisquer ligações com a vítima.

— Acho que não lhe disse o contrário. — A voz dele era profunda, troante e tão indecifrável como o seu rosto. — O que achou de Shelly Pettibone?

— Achei que era uma mulher sensata, estável e direta.

— Tenho de dizer que é uma descrição perfeita dela e conheço-a há cerca de quinze anos. Tem algum motivo que a leve a acreditar que ela teve alguma coisa a ver com a morte do marido?

— Não, chefe. Não há qualquer prova que me leve a pensar nisso.

Ele acenou com a cabeça.

— Fico contente por ouvi-lo. Tenente, tem medo da minha mulher?

— Tenho, chefe — respondeu Eve sem hesitar. — Sim.

Os lábios dele estremeeceram durante um instante no que podia ser um sorriso abafado. Depois voltou a acenar com a cabeça.

— Está em boa companhia. A Anna é uma mulher com uma personalidade muito forte e com opiniões bastante determinadas e particulares. Vou fazer o que puder para a manter longe de si nesta situação e uma vez que Shelly não está na sua lista de suspeitos, parece-me bastante exequível. Mas se alguma vez chegar ao ponto de a minha mulher nos colocar um contra o outro, está por sua conta.

— Entendido.

— Só para nos entendermos bem, deixe-me dar-lhe algumas informações básicas. — Whitney gesticulou para uma cadeira. — A minha família é muito amiga dos Pettibone há vários anos. Na verdade, um dos meus filhos namorou com a Sherilyn quando eram adolescentes. Foi uma desilusão terrível para a minha mulher que o namoro não tivesse dado em casamento, mas acabou por a ultrapassar.

Em cima da secretária, havia um holograma emoldurado da mulher. Com um movimento subtil, Whitney virou-o até ficar a olhar para a parede em vez de para ele.

— Anna e Shelly são muito amigas e acho que a Anna até levou mais a peito o facto de Walter ter deixado a amiga. Na verdade, ela recusou-se a voltar a ver ou a falar com Walt, motivo pelo qual nós e os nossos filhos não estávamos presentes na festa de aniversário. Fomos convidados, mas não gostamos de teimar com a Anna no que diz respeito a estas questões sociais.

— Não penso menos de si por causa disso, Comandante.

As sobrancelhas dele arquearam-se por mais um instante e uma centelha de humor surgiu nos seus olhos.

— A Anna está determinada em ver Shelly novamente casada, ou pelo menos a desenvolver uma relação amorosa séria. Shelly não tem colaborado. Ela é, como disse, sensata e estável. Criou uma vida confortável para si e, para grande espanto de Anna, manteve uma relação cordial com Walt. Quanto ao próprio Walt, eu gostava dele.

O humor desapareceu.

— Gostava bastante dele. Ele não era homem de fazer inimigos. Nem mesmo a Anna conseguia não gostar dele. Os filhos adoravam-no e como os conheço quase tão bem como aos meus próprios filhos, digo-lhe já que sei que tem de seguir os procedimentos da investigação, mas que vai acabar por constatar que não tiveram qualquer papel neste crime.

— Não encontrei qualquer indício nem motivo que me levasse a pensar nisso, Comandante. Nem em relação aos cônjuges de ambos.

— Mas encontrou Julianna Dunne?

— Sim, chefe.

Ele afastou-se da secretária e levantou-se.

— Há alturas, Dallas, em que o sistema falha. Falhou por não manter

essa mulher fechada numa cela. Agora, um homem bom morreu porque o sistema falhou.

— Nenhum sistema é à prova de falhas, mas saber disso não torna a perda de um amigo mais fácil.

Ele reconheceu aquela condolência com um aceno de cabeça.

— Por que motivo o matou ela?

Como ele estava de pé, Eve levantou-se.

— O seu padrão era localizar um homem de alguma riqueza e prestígio, desenvolver uma relação com ele que levasse ao casamento, ligar-se legalmente com ele para ganhar uma parte ou a totalidade da fortuna quando ele morresse. Nos três casos que conhecemos, os alvos tinham sempre mais vinte e cinco anos do que ela, pelo menos, e ela era a segunda mulher. Embora Pettibone se enquadre nas características gerais do seu homem padrão, não há qualquer prova de que a conhecesse pessoalmente. Ela não era herdeira dele e por isso não podia beneficiar da sua fortuna do modo habitual.

Eve tirou os discos do relatório do bolso e pousou-os na secretária.

— O motivo mais lógico continua a ser proveito financeiro. Vou prosseguir a teoria de que Dunne foi contratada por alguém. Já fizemos uma investigação de primeiro nível sobre as finanças da família e os associados mais próximos. Não encontrei nada que indicasse grandes levantamentos de dinheiro, ou levantamentos mais pequenos consistentes que pudessem perfazer os honorários de um assassino contratado. Mas preciso de investigar mais profundamente e já pedi autorização para o nível dois.

— Ela seria boa nisso — comentou Whitney.

— Sim, chefe, seria.

— O seu padrão também era movimentar-se, reinventar-se noutra lugar depois de ter o dinheiro na mão.

— Ela já quebrou o padrão. Mas se deixou Nova Iorque, então foi para outra cidade grande. E, na minha opinião, uma que já conhece. Ainda está a ambientar-se e deve preferir terreno familiar. Pedi ao Feeney para se manter em contacto com a Polícia em Chicago e em East Washington. Também solicitei a Doutora Mira como consultora. Quero que ela analise os relatórios e resultados dos testes de Dunne.

— Não quer chamar a psicóloga original?

— Não, chefe. Na minha opinião, a psicóloga anterior foi demasiado branda com ela e preferia ter a perspectiva da Mira. Dunne sabe como manipular as pessoas. Outra coisa, a mãe e o padrasto ainda estão vivos. A certa altura é capaz de tentar entrar em contacto com eles. Além disso, McNab está a compilar uma lista de pessoas com quem ela pode ter estabelecido

relações enquanto esteve em Dockport. Julgo que uma deslocação à prisão pode ser proveitosa.

— Quando pensa lá ir?

— Tinha pensado em ir amanhã, chefe. Pensei em pedir a Feeney que me acompanhasse neste caso. Ambos lidámos pessoalmente com Dunne e embora Peabody precise da experiência, está cheia de trabalho. Os pais estão na cidade e dei-lhe recentemente um caso inconclusivo para ela investigar.

Ele franziu o sobrolho.

— Um homicídio? E ela está preparada para isso?

— Sim, chefe, está preparada. Está no caminho certo e acredito que vai conseguir resolvê-lo.

— Mantenha-me ao corrente de tudo. Amanhã estarei fora do escritório durante a maior parte da tarde. Vou despedir-me de um amigo.

Era estranho poder desligar tudo no fim do turno e ir para casa a tempo. Era estranho entrar pela porta da frente e não ter Summerset à espera na entrada com um comentário vigoroso qualquer ou uma observação. Deu por si de pé no átrio, durante um minuto ou dois, à espera dele, antes de se aperceber de que o fazia.

Estranhamente embaraçada, dirigiu-se para o piso de cima, quase certa de que o mordomo estaria lá, mais ou menos à espera dela. Mas conseguiu chegar ao quarto sem ter sinais dele. Ou do gato.

Eve percebeu que assim não parecia exatamente a sua casa.

Até ouvir o chuveiro a correr e vozes a murmurar na casa de banho adjacente. Entrou e viu o corpo longo e esguio de Roarke através do vidro do chuveiro.

Era o suficiente para fazer qualquer mulher lambe os lábios.

As vozes vinham de um ecrã embutido no chuveiro e pareciam ser uma espécie de relatório financeiro. A cabeça daquele homem estava cheia de números durante metade do tempo, pensou, e decidiu dar-lhe outra ocupação.

Despiu-se onde estava, entrou lentamente por detrás dele para o meio dos jatos cruzados e deslizou as mãos em volta da sua cintura. E abaixo.

O corpo dele retesou-se, um espasmo rápido de músculo e instinto animal.

— Querida — ronronou ele. — A minha mulher pode chegar a casa a qualquer instante.

— Ela que se foda.

Ele deu uma gargalhada.

— Com todo o prazer — disse ele, virando-a com força contra os azulejos molhados.

— Aumentar temperatura da água para trinta e oito graus.

— É muito quente — resmungou ele contra a boca dela enquanto os jatos aqueciam e criavam vapor.

— Eu quero que seja quente. — Com um movimento rápido, Eve inverteu a posição de ambos e mordeu-lhe o queixo. — Quero-te quente.

Já estava molhada e excitada. As suas mãos e a boca estavam ocupadas com ele, tomando-o de assalto numa espécie de agressão animada. Ele já não ouvia as vozes ríspidas e entrecortadas do ecrã que detalhavam os últimos resultados da bolsa ou as projeções do mercado. Só ouvia o silvo dos jatos e o correr do seu próprio sangue.

Ele podia desejá-la a cada minuto do dia. Tinha a certeza que continuaria a desejá-la depois de estar morto e enterrado. Ela era o pulsar, a razão, a respiração.

Quando agarrou no cabelo molhado dela, puxou-lhe a cabeça para cima para que a boca se unisse com a sua; era como alimentar uma fome que nunca, nunca ficava saciada.

Ela sentia-o nele, a proximidade do apetite violento que ele tantas vezes mascarava com elegância, estilo e paciência. Quando o provou, fê-la desejar o primitivo, fê-la ansiar pelo perigo e deixar que o animal que vivia dentro de ambos se alimentasse livremente.

Com ele, conseguia ser terna quando nunca na sua vida existira ternura. Com ele, podia ser bruta, sem ter medo.

— Agora. Agora, agora, *agora!* Dentro de mim.

Ele agarrou-lhe nas ancas, com os dedos a deslizarem sobre a pele molhada e escorregadia até entrarem dentro dela. Ficou sem ar quando ele lhe empurrou as costas contra os azulejos e deu um grito quando investiu dentro dela.

O seu corpo afundou-se no primeiro orgasmo furioso, depois preparou-se para mais.

Os olhos fixaram-se nos dele. Conseguia ver-se dentro deles, a nadar neles, a afogar-se naquele azul vivo. Confiando na força dele, enrolou as pernas à volta da sua cintura, para o aceitar cada vez mais fundo.

O vapor ergueu-se em vagas, em neblina fina. A água caía, numa chuva quente. Ele investiu com mais força, mais fundo, a observá-la, sempre a observar aquele prazer chocado que irradiava do rosto dela. Conseguia vê-la a dirigir-se ao pico mais uma vez, pela forma como os seus olhos se desfocavam, o castanho-dourado a ficar um pouco mais profundo um instante antes de cegarem, um instante antes de o seu corpo se unir e depois estremecer.

Enroscou-se à volta dele, um punho quente, molhado, e quase o arrastou atrás de si.

— Tenho mais. — A voz dele estava rouca, os pulmões ardiam-lhe. — Tenho mais e mais para te dar, até te vires a gritar por mim.

Eve ouvia o barulho molhado e regular dos corpos a baterem um no outro, a baterem nos azulejos, e conseguiu saborear quando a boca dele se esmagou por cima da sua, novamente com aquela necessidade louca por ele. E à medida que ele a trespassava, enquanto o prazer, a dor e a loucura se misturavam numa única massa escaldante dentro de si, ouviu-se gritar.

Inertes como farrapos, ainda emaranhados um no outro, deslizaram até ao chão do chuveiro.

— Jesus Cristo — conseguiu ele dizer.

— Vamos ficar aqui quietinhos, uma ou duas horas. Não devemos afo-gar-nos. — Ela deixou cair a cabeça no ombro dele como se fosse uma pedra.

— Olha que é capaz, porque parece-me que estamos a tapar o ralo. — Mas não fez qualquer esforço para se mexer.

Eve virou a cabeça para o jato lhe cair pelo rosto abaixo.

— Mas sabe bem.

Ele segurou-lhe num seio.

— Só Deus sabe.

— Onde raio está toda a gente?

— Acho que estamos mesmo aqui. — Os mamilos dela ainda estavam rijos, quentes, e inspiraram-no a virar-se o suficiente para os saborear.

Ela pestanejou para afastar a água dos olhos.

— Deves estar a brincar comigo.

— Se me deres uns minutinhos, não me parece que brinque, não. Mas demorava menos se a água não estivesse tão quente.

— Baixas a temperatura e terás de enfrentar a minha fúria. — Segurou o rosto dele com as mãos, levantou-lhe a cabeça e sorriu. — É melhor sairmos daqui. A água está a subir.

Depois de conseguirem levantar-se, Eve foi para a cabine de secagem. Roarke agarrou numa toalha.

— Agora a sério, onde está toda a gente?

— Da última vez que vi, a Phoebe andava entretida na estufa. O Sam e o Summerset estão na cozinha de volta de uma receita qualquer. Criaram fortes laços à conta das ervas aromáticas, dos molhos e sei lá mais o quê. Disseram-me que vão passar o serão com a Peabody, por isso não precisas de te preocupar em servir-lhes de anfitriã.

Eve saiu da cabine, aceitou o robe que Roarke lhe ofereceu e observou-o a colocar uma toalha em volta da cintura.

— Eu e o Feeney vamos a Chicago amanhã, para vermos o que desco-

brimos em Dockport. E, não — disse, antes que ele pudesse falar, — não vamos em nenhum dos teus transportes catitas. Vamos de vaivém, como as pessoas normais.

— Tu lá sabes. Alguma pista nova?

— Nada que seja muito interessante para o nosso caso. — Foi atrás dele para o quarto, à procura de um par de calças. — Descobri que a primeira mulher de Pettibone e a mulher do comandante são unha com carne. Torna as coisas um pouco chatas, embora ela não esteja na minha lista de suspeitos. Tenho de fazer uma investigação de segundo nível aos registos financeiros dos principais envolvidos.

Ele levantou os olhos enquanto procurava por umas calças lavadas e viu que Eve franzia o sobrolho.

— Eu nem abri a boca.

— Eu consigo ouvir-te a pensar, amigo, e não. Tenho autorização de segundo nível e é esse o meu limite, neste momento. Não preciso que recorras ao teu equipamento não registado nem que procures mais do que isto. Estamos a avançar bastante bem e a cumprir as regras todas que há no manual.

— Alguma vez te questionaste quem escreveu esse manual?

— O extenso braço da lei. Se tiveres algum tempo livre, não me importo que examines tu os registos financeiros. Encaras os números de uma maneira diferente da minha.

— Tenente, eu tenho sempre tempo para ti.

Ele deu-lhe duas horas e até concordou em comer pizza no escritório de Eve enquanto observavam os registos financeiros da família Pettibone e dos executivos de topo e das contas das empresas. Depósitos, levantamentos, transferências, contas e bónus.

— Nada me parece suspeito — disse Roarke por fim. — Há aqui alguns parceiros de negócios que podiam beneficiar de um aconselhamento melhor sobre os seus portefólios, e aquele negócio de Tribeca devia estar a render um pouco mais por ano, por isso não seria surpreendente se alguém andasse a meter algum dinheiro ao bolso aqui e ali. Nada de excessivo, mas se fosse meu, já estaria a tratar do assunto.

— Quanto achas que andam a roubar?

— Oito, talvez nove mil, só este ano. É uma quantia insignificante, não é o suficiente para matar alguém.

— Há pessoas que matam por meia dúzia de trocos, Roarke.

— Então reformulo, não é o suficiente para contratar um profissional. Podes até falar com o gerente, mas eu diria que estarás a fazê-lo mais por uma

questão de obrigação. Ele não roubou o suficiente para contratar um assassino profissional, mal chega para um amador, não chegou a tirar nenhum dinheiro da sua conta pessoal, ou da loja, para o conseguir pagar. Pode ter um problema menor com o jogo ou uma miúda extravagante para manter.

— Uma miúda extravagante para manter.

Ele olhou de relance.

— Então, por regra, as miúdas mantidas são extravagantes, não são? Ainda assim, eu optaria pelo problema de jogo, já que não vejo aqui compra nenhuma que indique que ele tem uma mulher. Não tem contas de hotéis, nem de jantares para dois em restaurantes afastados, para onde um homem se pode esgueirar com uma mulher com quem não é casado.

— Parece-me que percebes bastante sobre como um homem mantém a tal miúda extravagante.

— Parece? Diria que não sei mais que um homem normal e claro que falo de um ponto de vista meramente intelectual, académico até, diria.

Ela pegou em mais uma fatia de pizza.

— Não é maravilhoso eu concordar sempre contigo?

— É um grande alívio para mim.

— Tenho de ir falar com o tipo dos bolsos fundos. — Levantou-se, ainda a comer a pizza enquanto andava de um lado para o outro. — Tem de ser por causa de dinheiro. Por que motivo voltou ela para Nova Iorque e escolheu um homem que não conhece?

— Talvez o tivesse conhecido, ou pelo menos planeasse conhecer quando foi interrompida há quase dez anos.

— Mas há dez anos, ele era casado — começou por dizer Eve, depois parou para deixar que as ideias assentassem. — Mas talvez nessa altura ele já andasse inquieto com o casamento. Talvez existam sinais dessa insatisfação que uma mulher, a família e os amigos próximos não detetam. Mas um estranho, que ande especificamente à procura de dissonância, pode detetar. Ele podia estar na lista dela como uma possibilidade, alguém sobre quem ia pesquisar com a ideia de o atrair para longe da mulher, envolvê-lo numa relação e a seguir num casamento. Ele seria um bom desafio para ela, principalmente porque era um homem tão decente e honesto. Seria ela capaz de o corromper?

Ainda a pensar, Eve virou-se para trás.

— Isso seria atraente para ela. Nunca chegámos a determinar durante quanto tempo ela mantinha os alvos vigiados. Podia muito bem estar a reservar Pettibone para o futuro, depois foi apanhada, julgada e presa. Enquanto ela estava afastada, ele divorciou-se e acabou por encontrar uma mulher nova. Talvez ela o tenha assassinado porque não chegou a ter oportunidade de lhe deitar a mão antes.

— Se essa teoria se aguentar, não terias qualquer ligação entre eles.

— Não, mas também não tenho porra de motivo nenhum. Se ela não anda a matar por dinheiro, então é porque já o tem, porque ela precisa de viver a vida de maneira sumptuosa. E talvez o tenha assassinado só porque sentia falta da emoção. Tinha o dinheiro da vítima de East Washington, mas não lhe tocou. Fui verificar. Por isso, ela tem outra fonte de rendimento que esteve à espera dela durante uma década. Se o encontrar, encontro-a também.

— Se eu precisasse de guardar dinheiro para um dia mais difícil, colocava-o em contas numeradas, em várias instituições, em vários locais. — Roarke engoliu a pizza com um pouco do excelente *Cabernet Sauvignon*. — Dentro e fora do país, dentro e fora do planeta. Não demasiado em cada uma das contas — acrescentou quando Eve franziu o sobrolho. — Dessa forma, se não conseguires chegar com facilidade, ou segurança, a determinada conta, tens sempre as outras.

— Não seria só dinheiro. Ela gostava de ações, títulos, esse tipo de coisas. Se ganhasses grandes boladas de dinheiro em ações, não podias recolher-te e deixar o dinheiro a ganhar juros durante uma década, pois não?

— Não se ainda tiver um neurónio que seja em funcionamento. É preciso manter as coisas vigiadas, transferir fundos, vender, comprar e por aí em diante. Ou ter alguém de confiança que o fizesse.

— Ela não confiava em ninguém. Isso diz-me que arranjou uma maneira de tratar de tudo pessoalmente na prisão. Quer dizer que deve haver registo de transmissões, de um lado para o outro, e deviam ser monitorizadas.

— Um suborno nas mãos certas pode resolver isso. Investimentos conservadores, ações que se vendem depressa e outras coisas do mesmo tipo para ela não precisam de muito tempo a supervisionar as contas. Algumas horas por semana bastariam, no máximo.

— O Feeney e eu vamos ter de descobrir quem é que ela andou a subornar.

— Planeias regressar a casa ainda neste século? — Roarke inclinou a cabeça. — Procurar um guarda prisional ou um recluso que esteja disposto a aceitar subornos não deve demorar mais de vinte, trinta anos.

— Tem um pouco de fé. — Eve lambeu o molho de pizza do polegar. — Estarei em casa à hora do jantar.

— Duas noites seguidas? Vou anotar na agenda. — Quando ela continuou a franzir o sobrolho, ele abanou a cabeça e perguntou: — O que foi?

— Nada. Estava só aqui a pensar. — Voltou para trás, pegou em mais uma fatia de pizza e depois decidiu não a comer.

Como Roarke conhecia bem a mulher que tinha, não disse nada e esperou que ela falasse.

— Hoje, quando fui entrevistar a Shelly Pettibone, ela estava a falar do casamento. Parecia que ainda nutria muitos sentimentos por ele, apesar de ele a ter deixado e casado com uma mulher de metade da sua idade e com mamas grandes. Mas neste momento era como se estivesse a falar mais de um irmão do que do marido. Ela disse... Enfim, achas que a paixão, o sexo, aquilo que temos vai esfriar e desvanecer-se aos poucos passado algum tempo?

— É melhor morderes a língua.

— Quero dizer, as pessoas não acabam no chão do chuveiro a toda a hora. E quando esse tipo de coisas deixa de acontecer, teremos algo mais que nos mantenha unidos? Que nos faça precisar de estar juntos, ou vamos acabar por ser apenas duas pessoas a habitar na mesma casa?

— Anda cá.

— Não preciso de reconforto, Roarke. — E já desejava ter ficado de boca calada. — Lembrei-me simplesmente disto, mais nada. É um bocadinho triste, mas compreensível.

— Anda cá, mesmo assim. — Ele estendeu a mão para a dela e quando Eve a aceitou, puxou-a para o colo dele. — Não me imagino a não te querer, de tal maneira que me dilacera por dentro. Ver-te, cheirar-te, tocar-te é a única coisa de que preciso. Mas, se quando tivermos cento e vinte anos e isto for mais uma memória que uma realidade, vou continuar a precisar de ti, Eve, de mil maneiras diferentes.

— Está bem. — Eve afastou o cabelo do rosto dele.

— Espera. Lembras-te quando te vi pela primeira vez? No inverno e com a morte entre nós?

— Sim, lembro-me.

— Não achei que fosses polícia. Isso perturbou-me algum tempo depois porque me orgulhava de topar um polícia a um quilómetro de distância, no escuro. Mas quando me virei e te vi, não vi uma polícia. Vi uma mulher, vi *a* mulher, embora ainda não o tivesse entendido. Só sei que olhei para ti, que te vi e que tudo mudou depois disso. Depois daquele instante, nada voltaria a ser como era para mim.

Eve lembrava-se de como ele se tinha virado, olhado por cima do mar de chorosos no funeral, como os olhos dele se tinham fixado nos dela como se não houvesse ali mais ninguém. E o poder daquele olhar tinha-a abalado por completo.

— Tu incomodaste-me — murmurou.

— Era isso que queria fazer. Eu olhei para ti, querida Eve, e vi a mulher que ia amar, em quem ia confiar e de quem ia necessitar, como nunca ti-

nha amado, confiado e necessitado de mais ninguém. A única mulher com quem queria estar, viver, dormir e ao lado de quem queria acordar. E a *ghra*, com quem queria envelhecer.

— Como é que fazes isso? — Baixou a testa até à dele. — Como consegues sempre dizer aquilo que eu preciso de ouvir?

— Há pessoas que vivem uma vida inteira em conjunto e não apenas por hábito, conveniência ou medo do futuro. Mas por amor. Talvez o amor tenha os seus ciclos. Não estamos nisto há tempo suficiente para saber, pois não? Mas uma coisa sei com toda a certeza. Vou amar-te até morrer.

— Eu sei. — As lágrimas caíram-lhe pelo rosto. — Sei porque sinto a mesma coisa. Tive pena daquela mulher hoje, porque ela perdeu isso. Perdeu-o e nem sequer sabe onde ou quando. Deus. — Teve de inspirar profundamente, porque tinha a garganta comprimida. — Mais tarde estava a pensar nisso, no que ela disse e como o disse. Pareceu-me que as coisas com eles eram demasiado fáceis, demasiado plácidas.

— Pronto, então. — Roarke deu-lhe um apertão rápido e forte. — Fáceis e plácidas? Esses são problemas matrimoniais com os quais nunca precisaremos de nos preocupar.